

Vol. 11
Num. 3

PAGINA 33:

- Notícia sobre Franklin Távora.
- Franklin Távora na apreciação de Ronald de Carvalho.
- Sumário.

PAGINA 34:

- Franklin Távora e a literatura do Norte, de José Veríssimo.
- A literatura do Norte, de Franklin Távora (Prefácio de O Cabeleira).

PAGINA 35:

- Opiniões sobre Franklin Távora. Opinião de Manuel Bandeira.

PAGINAS 36, 37 e 38:

- Franklin Távora, romancista. Um capítulo de Lourenço. Um capítulo de O Matute.

PAGINA 37:

- Opiniões sobre Franklin Távora. Opinião de Silvio Romero.

PAGINA 39:

- O Romancista (trecho de estudo), de Clóvis Bevilacqua (da Academia Brasileira).
- Sacrifício, de Franklin Távora, (trecho do romance desse título)

PAGINA 40:

- A vida e a obra de Franklin Távora, de Baltazar Fragklin Távora.

PAGINA 41:

- A Cruz do Padre, de Franklin Távora.

PAGINA 42:

- Correspondência de escritores. Carta de Franklin Távora a José Veríssimo.
- Opiniões sobre Franklin Távora. Opinião de Lúcia Miguel Pereira.

PAGINA 43:

- Franklin Távora, crítico. Um julgamento severo contra O Gaucho e Iracema.

PAGINA 44:

- Algumas páginas de Franklin Távora:
 - Os matutes.
 - A casa de açúcar.
 - Prefácio de Lourenço.
- Franklin Távora, poeta. Canções e Portugal.

PAGINA 45:

- A vida e da cabeça briza, de Alvaro Moreyra.
- O Intermisso, de H. Helna.

PAGINA 46:

- A musa inefável de Roberto Correia, de Carlos Chiaccchio.
- Roberto Correia e oativismo da sátira nas letras baianas, de Rafael Barbosa.

PAGINA 47:

- O guia do cego, poema de Murilo Mendes, com ilustração de Marceir.
- Fórmulas de Filosofia Médica. Ubi vita, ibi spes, de Clementino Praga (da Academia Brasileira).

PAGINA 48:

- Um poeta inglês na expedição de Cavendish (O primeiro romance sobre a América do Sul), de Joaquim Ribeiro.

FRANKLIN TÁVORA E A

("O CABELEIRA", "O MATUTO", "LOURENÇO")

Estes três livros, agora republicados pela Livraria Garnier, e cuja primitiva edição é para os dois primeiros dos anos de 70 e para o último dos de 80, constituem o que o autor respectivamente denominou primeiro, segundo e terceiro livro da "literatura do Norte".

O quarto devia ser o "Sacrifício", romance que apareceu na Revista Brasileira, no seu segundo período, da qual era Franklin Távora um dos directores e mais esforçados sustentáculos. Este não foi ainda, que eu saiba, publicado em livro.

Franklin Távora é uma das mais queridas e saudosas recordações da minha vida literária. Fomos amigos, desses amigos, porém, que nunca se viram nem se conheceram, sequer letrados. Nos poucos anos que infelizmente duraram as nossas relações, que de puramente literárias, no princípio, haviam passado natural e insensivelmente a pessoais, e que a sua morte prematura e inopinada interrompeu, eu não posso, correspondendo-nos associadamente.

É, então, o período da sua maior actividade literária, nos anos de 80, quando ele dirigia e dava o melhor de si na Revista Brasileira, fundada a gerada Sociedade de Homens de Letras do Brasil, e procurava, entretanto, para o Instituto Histórico, e como seu orador, dar vida nova e movimento a essa e respeitável associação. As suas cartas, nos documentos interessantes para a vida literária da época, aqui no Rio de Janeiro, contra o qual Franklin Távora parecia ter conservado sempre os seus preconceitos provincianos, não quia de pura se misturavam procurando, aliás, esconder-se uma admiração ao gosto exagerado de nova capital e a desconfiança do malito.

Eu não sabia dizer se não foi deste sentimento, feito de duas impressões encontradas, que se gerou na mente de Távora a sua ideia da "literatura do Norte".

Segundo a concepção de Franklin Távora, exposta na carta-préface do "Cabeleira", "as letras tem, como a política, um certo carácter geográfico". "E mais no norte, porém, que no sul, abundam os elementos para a formação de uma literatura, propriamente brasileira, filha da terra". A razão deste facto parece-lhe óbvia: "o norte ainda não foi invadido, como está sendo o sul, de dia em dia, pelo estrangeiro". A sua primitiva feição "unicamente modificada pela cultura que as raças, as indoles e os costumes recebem dos tempos ou do progresso, pode-se afirmar que ainda se conserva ali em sua pureza, em sua genuína expressão". E ele lamenta que os nordestinos "que figuram com grande brilho nas letras pátrias", não tenham "cuidado de construir o edifício literário" dessa parte do país, que lhe parece, "por sua natureza, magnífica e primorosa, por sua história tão rica de feitos heróicos, por seus usos, tradições e poesia popular, há de ter, cedo ou tarde, uma biblioteca especialmente sua".

Nesta concepção de Franklin Távora lá, parece-me, com uma parte mínima de verdade, uma ilusão de bairrista e de romântico. A preponderância que na primeira colonização e organização do Brasil teve o Norte, as lutas e guerras que, nos séculos XVI e XVII, sustentou, por se conservar português e refugiar toda invasão estrangeira, primeiro de piratas ingleses, franceses e holandeses, depois, destes mesmos, já em expedições mais consideráveis que pirataria, a precedência que a sua colonização, desde a Paraíba até a Baía, na preponderância ali do elemento indígena e do elemento português, não contrabalançada, como no Sul, por ele-

mentos de outras raças, concorreram fortemente para dar ao Norte uma feição que lhe achada, e a si mesma se achou, mais "brasileira", e ao nordesta uma certa arrogância, ou, mais exactamente, um sentimento de vaidade bairrista, menos individual, porém, que regional, que achou representação no canto dos poetas, como no

Sou bravo, sou forte, Sou filho do Norte,

de Gonçalves Dias, o grande idealizador da bairrista noticiosa, e em expressões que glorificavam essa região ou alguma das suas partes, como a de "leão do Norte" aplicada a Pernambuco, ou a de "terra da luz" aplicada ao Ceará. Para a diferença, em que Franklin Távora assentou o seu conceito do fracionamento da literatura brasileira em setentrional e meridional, além daquelas razões de ordem histórica e social, há a razão geográfica, a que ele aludia. Geograficamente, Norte e Sul são distintos, e talvez, ao contrário do sentimento bairrista de Franklin Távora, sob o aspecto da beleza e do do pitoresco, com vantagem ao Sul.

Essa manifesta diferença geográfica das duas regiões: não podia deixar de concorrer para acentuar diferenças nas gentes que as habitavam, quando pela diversidade da vida, que diversos aspectos físicos e outro clima de cada uma das partes criavam, elas, mesmo sem as razões históricas e morais, tenderiam a diferenciar-se. Mas, como, qualquer que fosse, ou seja, essa diferença não chegava a constituir dois tipos étnicos diferentes, com feições físicas e morais distintas, com diversos sentimentos, não num grau que apenas aproveitasse ao pitoresco, e não perdiam os caracteres comuns que física e moralmente as ligavam, os sentimentos gerais que as ligavam, delas não podia sair, sob o aspecto estético, uma manifestação especial, particular a cada uma das suas fracções.

Não quero negar que entre o Norte e o Sul, isto é, entre a gente do Norte e a do Sul, haja diferenças notáveis. São evidentes. O filho do Norte viajando no Sul, ou o do Sul viajando no Norte, a sentem, às vezes

com surpresa, sendo por todos verificadas a sua procedência. Esta diferença de tipo físico, que não convém entretanto exagerar, pois a raça do indivíduo, os cruzamentos de que ele procede a atenuam muito, encontram-se também nos costumes, usos, terminologia industrial e doméstica, sotaque, hábitos sociais e mais feições da vida das duas porções do Brasil. Mas diferenças idênticas existem, verificam-se nos todos os viajantes, assentam-nas nos seus romances todos os romancistas, nos mais uns dos velhos países europeus, como a França, apesar de quinze vezes menor que o Brasil, de quatorze séculos de trabalho de unificação e da extrema facilidade de intercursos dos seus habitantes, todos por assim dizer vizinhos. E ali também cada uma das suas regiões, cujo particularismo a revolução procurou acabar com a sua repartição em departamentos, tem os seus romancistas especiais, que lhe descrevem a vida, procurado fazer-lhe sobressair as originalidades, as singularidades. Quem, fora do provincialismo, que tem língua

especial, pensa em dividir a literatura francesa consoante a diferente viver, costume ou paisagem que ele representa? Mas, no Brasil, o mesmo Norte, ou o mesmo Sul, não são homogêneos e iguais. No Norte, a Amazônia é, pelo aspecto físico e pelos costumes e usanças, tão diferente do Ceará ou da Baía, como de São Paulo ou Parana, que quase tão diferentes do Rio Grande do Sul como da Baía ou de Pernambuco.

Verificadas em porções diversas das duas grandes divisões comuns do país, essas diferenças não podem servir para não as assentarmos, como quisera o meu saudoso amigo Távora, o critério da divisão regional da literatura brasileira. De mais, essa diversidade de Norte e Sul, por grande que seja, e não quer por forma alguma diminuir a importância, ou por maior que a façamos, tende a desaparecer com a maior comunicação, cada dia mais considerável, entre as duas regiões, com a entrada de novos elementos, com a nacionalização estrangeiros, em cada uma delas, com a disseminação da instrução e com o pro-

A LITERATURA DO

MEU AMIGO,

A casa onde moro, está situada ao lado de uma rua de bonitas, em um dos cantinhos mais quietos da baía de Botafogo. Vão daqui uma grande parte da baía, os mortos circunstantes, criando seus campos por natureza, o céu de opala, o mar de azul.

Infelizmente este belo espectáculo não é imutável. De súbito o céu se torna branco, e só descobro cabeços fumegantes em terra de mar: tombou o tronco nas primeiras alturas; a chuva fugiu as palmeiras e casuarinas; a ventania trouxe no bambolado; e a casa está lá. Parece que tudo lá derrete-se.

Estes tormentos duram horas, noites, dias inteiros, e reproduzem-se com mais ou menos frequência.

Quando elas se vão passando de todo, o céu mostra-se mais puro e belo, o mar mais azul, as árvores mais verdes; e a ventania leva mais doçura, as flores mais deliciosas aromas.

Pela parte das pedras correm lindos riachos, que reflectem a luz do sol, formando brilhantes matizes. Coberta de flocos, loucas, a natureza ri com a sua gentileza, depois de haver cabido e chorado como uma criança.

É tempo de cumprir a promessa extorquida pela amizade, que não atendeu as mais legítimas excusas. Essa natureza brilhante e mortal estava e cada instante convidando o meu desdém a romper o silêncio e que vivo recolhido, desde que cheguei do extremo norte do império.

Depois de cerca de dois anos de hesitações, dispus-me enfim a escrever estas poucas linhas — notas desconexas de uma musa solitária, que no retiro onde se refugiu os seus desenganos da vida, não pode esquecer-se de pátria, anjo das suas esperanças e das suas tristezas.

Tive, porém, que melhor seria ler as centenas de páginas na estampa, do que traduzir um volumoso "in-folio", lido de tantas emendas e entrelinhas que a mim mesmo custa às vezes decifrá-las, pela razão de que tudo aqui se escreveu sem ordem, sem arte, sem se aliar a ideal, por aproveitar momentos vagos e incertos de uma pena que pertence ao estado e à família.

Por isso, em lugar de uma carta recebera nessa encantadora Genebra, onde te delicias com a memória de Rousseau, Staël, Voltaire, Calaneo, outros imortais, que rutilam perpetuamente no firmamento da civilização, um livro hoje, outro talvez amanhã, e alguns mais sucessivamente, até que me tenha libertado da obediência, que me impõe, conforme o permitirem as minhas forças dominadas pelo meu afastamento das coisas literárias de nossa terra.

Início esta série de composições literárias, para não dizer estudos históricos, com o "Cabeleira", que pertence a Pernambuco, objecto de legítimo orgulho para ti, e de profunda admiração para todos os que tem a fortuna de conhecer essa refulgente entreira da constelação brasileira. Tais estudos, meu amigo, não se limitam somente aos tipos nativos e aos costumes da grande e gloriosa província onde nasce o bérro.

Para e Amazonas, que não me são de todo desconhecidas; Ceará, torção do meu nascimento; todo o norte enfim, se Deus me ajudar, virá a figurar nestes escritos, que não se destinam a alcançar outro fim senão mostrar aos que não a conhecem: ou por falso juízo a desprezam, a rica mina das tradições e crónicas das nossas províncias setentrionais.

Depois de alguns meses de ausência, tornei a ver o Recife, esplêndida visão de teus sonhos nostálgicos. Lamento que, havendo sido transportado muito novo ainda ao velho mundo, não guardas dessa idade a menor lembrança: fugitiva embora, Genebra com o Mont-Blanc coberto de neves e gelos eternos; o lago Lemano, que a um sem número de poetas tem inspirado místicos e imortais cantos; O Rodano que, no dizer de um viajante nacional, "foje apressado, resmungando com voz medonha em procura de hospitalidade no Mediterrâneo", não pode ter a beleza dessa elegante e risonha cidade, que surge dentre mangues verdejantes, águas limpidas, pontes soberbas, e se estende, por sobre vasta planície, obrigando os matos a se afastarem de dia em dia ao ocidente, para ter espaço onde alongue

de Improviso, suas novas ruas, suas estradas, seus trilhos, testemunhos de sua prosperidade material, comercial e agrícola; onde funde novas escolas e erja novos templos, testemunhos de sua civilização e grandeza moral.

Vi o Pará, e admirei-lhe as incalculáveis riquezas, ora ocultas no regaço de um futuro que, se não anunciou ainda a época precisa de sua realização, não se demorará muito, segundo se infere do que apresenta, em traduzir-se na mais brilhante realidade.

E que direi do Amazonas, incompreensível grandiosidade, que tem a mole do impenhável e a fúria do avôntado?

Não há prodígio que se possa comparar com aquele no descoberto. Não erio que Rousseau fosse capaz de fantasiar semelhante, ainda que tivesse toda a vida a imaginar, ele o mesmo era a grandeza ideal, a grande física, porém só Deus a concebe e executa. Staël em vão tentaria descrever esse belo encantado como descreveria a Itália em sua imparecível "virtu", em que o estudo dos monumentos e do passado não dá de de coração, monumento de todos os tempos.

Entrando ali, parecem-me entrar em um templo fantástico e sem proporções. É natural e fenómeno, sempre que nos achamos diante das obras primas da criação: secreto instinto nos avizorta que estamos na presença de Deus. A admirada tem então a solenidade de um recolhimento e de uma homenagem. As impressões passam dos sentidos ao fundo da alma, que não repete-se com maior intensidade. Todas as nossas faculdades — a inteligência, a imaginação, a própria vontade — deixam-se dominar de uma como volúpia que não é sensual, mas deliciosa, e grande como é talvez o êxtase. Ainda quando tenhamos o espírito cansado dos erros e injustiças dos homens, nos e sentiremos levantar-se imediatamente cheio de vida diante da representação enorme, como se ele se achasse em sua infidelidade virginal. E o efeito do asombro que percorre, como fluido, o nosso organismo, despertando em nós abruptas sensações que nunca experimentamos, e que são para nós verdadeiros fenómenos do mundo fisiológico.

Agua imensas serviam de alojamento ao majestoso templo, que tinha por abóboda o céu sem limites. A visão física escapavam as colunas e paredes dessa catedral-mundo, as quais a minha imaginação fora colocar além dos horizontes invisíveis do Atlântico.

Do lado do norte quebravam a monotonia da superfície, enroscos nos vapores matutinos, uns como rudimentos, gigantescos de arcadas colossais. Em outras quaisquer condições cósmicas esses rudimentos apresentavam-se-lhe a minha vista como grandiosas ruínas; ali não, o que se afigura ao espírito de quem os observa, é uma coisa indizível; afigura-se que essas arcadas estão em começo de construção e se destinam a romper o céu, porque no meio daquele amplexo impossível poder-se-á dizer que nenhum átomo tem o direito de se deixar destruir; quando tudo não existia ali "ab initio", quando tudo não tinha ali uma vida que não teve princípio, e que não há de ter fim, só o que resta ao corpo é nascer, agigantar-se, eternizar-se na matéria, que não acabará senão no fim dos tempos.

O que eu via e acabo de apontar não era outra coisa que a região amazônica que começava a desenharem-se risonha, azulada, esplêndida. Era um mar número, umas de comédias dinâmicas, outras de desconhecida amplitude, todas elas multiformes, marchando aqui as ondas,bordando ali o continente coberto de uma espessa crosta de verdura.

Quem não entrou ainda nesse mundo novo onde os homens que pela primeira vez se penetra, se afogam não ter sido iniciado por um único sequer dos seus semelhantes; onde há linguas e leguas que ainda não foram pisadas por homem civilizado, e onde há rios que só a canoa do índio tem fendido, não pode formar ideia dessa esplêndida maravilha.

Quando me achei, não em face mas no seio daquela natureza (porque em breve me vi cercado de ilhas, das quais algumas podem comparar-se a continentes, que em todas as direcções iam ficando ao aparecimento) natureza e que a minha imaginação tinha dado formas incríveis, filhas da visão íntima, conheci só então, quando em seus raios arrastados me havia a fantasia deixando a realidade. Nada do que fui descor-

FRANKLIN TAVORA,

Um capítulo de "Lourenço"

CAPÍTULO X

Por alguns momentos ouviu-se, agora perto, depois mais longe, o rudo bater das chifres das réas, uns contra os outros, o som solitário que despidia de si o chão violentamente contundido pelas patas daquelas animais unidos, conchegados, conforme se correm em semelhantes ocasiões, o estalar das rammas, o rechinar das folhas, o espadanar das lamas por onde iam eles rompendo, sem empate nem medida, no varjado esplêndido.

Restabelecidos o silêncio e a imobilidade do ermo, os assassinos desceram das árvores, em busca do ferido. Cobardes, faltava-lhes coragem para fazerem frente aos animais alvoroçados e infrenes; tiveram, ao pôr, do sobejo para correrem ao tronco de uma árvore, que, com um galho baixo e curvo, com o qual se metera Lourenço, e que os bois na corrida haviam saltado, o protegera e salvava.

— Já conhecereis para quanto presto, "caneludo", moleirão, que só tens parolhas e desaforos, disse Pedro de Lima, arrastando por uma perna Lourenço ao meio da trilha onde a lama quase o afoga. E bem disse que este cobra não servia para nada.

E por que, através da malhada camisa do rapaz tomado de mortal deliquio, lhe descobria o cinto em torno da barriga, imediatamente o cortou, supondo que trazia dinheiro, o que encontrou foi a luvá de couro dentro da qual estava o porcel de doação. Indignado por ter sido fido em sua cobiça, a cravar o facão no peito de Lourenço, quando sentiu o braço preso por uma victoriosa mão. Viu então ao seu lado um homem, calçado de botas. Vestido de preto, com um chapéu de palha na cabeça; era o dono da boiada. Junto dele estava um dos tangerinos e um negro, que minutos antes haviam passado o rio.

Logo que deu com os olhos no primeiro dos novos personagens, Pedro de Lima abrandou a saliva e a arrogância, mostrando-se outro que ninguém diria ser o mesmo.

— Vósmece me perdõe, seu João Mateus — disse, em tom respeitoso ao fazendeiro. Há muito que eu tinha umas contas que ajustar com este pé-rapado, que sempre foi muito confiado, e parecia não fazer caso de ninguém. O pior é que, cuidando que ele trazia algum "rimbo", só encontrei no cinto magro este papel metido num pedaço de couro velho. Parece que é um "patuá" para livrar de arma e de prisão; mas o cobra não tem fé, que o "patuá" não lhe valeu, e ele fica bem enstigado.

Assim falando, Pedro de Lima, passou o papel da doação ao fazendeiro que, como se vira nos caracteres al tracados, uma escritura cabalistica e maldita, deu um grilo — mistura de espanto e consternação, voltando rápidas vistas a Lourenço. Pedro de Lima e Manoel Hilário, a quem este gesto não escapara, puseram os olhos em cima do fazendeiro, em ar de quem interrogava.

— É uma oração... Não, não é uma oração... São palavras diabólicas as que estão aqui escritas, disse-lhe o fazendeiro. Se vósmece soubesse ler, haviam de reconhecer que este papel tem cousas infernaes. Coitado de quem o trazia!

E com gesto nervoso despedaçou o papel, dando mostras de forte cóceira, que aumentava de instante a instante.

— Mas — acrescentou logo — que querem ainda vósmece fazer deste infel? Está moribundo, se ainda não morreu. Deixem-no comigo. "Não matarás" disse Deus, por boca de Moisés

aos hebreus; e esta sentença é hoje um dos primeiros preceitos da Cristandade. Querereis vósmece ainda matar a quem já está quase morto?

O semblante do fazendeiro tinha adquirido feições tão particularmente severas e tristes, que não só os dois assassinos, mas até o tangerino, companheiro daquele, se sentiram tomados de espanto.

Pedro de Lima não se demorou a responder:

— Eu não o quero mais matar. Ainda quando ele desta se levante, o que eu duvido, não teria eu mais para quem é tão molfo a minha arma, porque o malho está dado. Só peço a vósmece que me perdõe.

Tendo dito estas palavras, cortou o dono da boiada com quem se despedia, e encaminhou-se para o fechado em busca do cavalo. Manoel Hilário acompanhou-o, silencioso e cabalístico.

Um quarto de légua distante do lugar onde se deu este encontro, via-se, dentro de um capão de mato que vinha morrer à beira do rio, uma casa de taramba, de aspecto quase claustral, que convidava ao repouso. A volta, fora roçada vazio espaço, destinado a pequena lavoura e a criação de aves e animais miúdos. Entre a casa e o mato, do lado do sul, era um extenso curral de vacas, e ao lado do norte um curral de cabras. Logo à primeira vista, reconhecia-se que naquela situação agreste estava fundada uma fazendola de gado.

O dono desta propriedade era João Mateus, sujeito magro, de cabelos e barbas compridos, que, no meio das brenhas onde se concentrara, lugar semi-bárbaro, quase inteiramente inacessível à luz das letras, levava grande parte do tempo a ler em seus livros. Tipo misterioso e incompreensível, cujo segredo ninguém penetrara. Não era casado, nem tinha família de espécie alguma, com exceção de uma negra, que lhe fazia companhia, uma negra idosa que lhe lavava a roupa, e um negro de meia idade que era o seu pagem e confidente.

Levantava-se logo cedo, chamava as aves, e com as próprias mãos dava-lhes a ração de milho ou de arroz. As galinhas, os patos, os perus, se capotes depincavam os carcos, esturavam o chão, soltavam as suas toadas — umas baças, outras argentinas — alegres, domesticas, mansos, amigos do seu senhor, em redor do qual se demoravam, como se, presos pela confiança, lhes custasse muito apartar-se de quem era tão bom para eles. João Mateus dirigia-se depois a um e outro curral, e passava as vistas por sobre as réas, algumas cabras que andavam soltas do lado de fora, iam a seu encontro logo que o avistavam, e tomadas de familiar ternura, lambiam-lhes as pernas ou as mãos, na mesma doce entrega da amizade que para o fazendeiro tinha a criação.

Nos primeiros tempos que sucederam à chegada de João Mateus, sumiram-se algumas cabeças de gado; mas depois os ladrões começaram a excluir do número das suas explorações a propriedade do velho, mudando que tinha natural explicação na caridade com que ele tratava aquela gente sem cultura, mas não sem o discernimento necessário para render homenagem à virtude, especialmente se lhe devia gratidão. Os pobres, os viajantes, os doentes sem encosto encontravam em casa de João Mateus abrigo paternal e piedoso.

Sua fama, porque a fama dos bons homens vai a grandes distâncias como vão os sons, invadira as cercanias, e impusera aos que antes o defraudavam, respeitosa afeição, que nos últimos tempos se traduziu em estima de filhos para pai. Os primeiros bandidos desenfreados

não ousavam mais penetrar na fazenda do "Jatobá", senão quando tinham de pedir com que matar as suas necessidades, nunca para se apressarem, como dantes, do que lhes não pertencia. A qualquer hora do dia ou da noite, de verão ou de inverno a porta da casa do "Jatobá" abria-se para dar agasalho a quem batia nela. Mariana — a negra, e Clara — a negra — inquiriam do hospede se precisava de alimentos ou de remédios; os primeiros davam-lhos elas, os últimos era o anção quem os ministrava; se o caso urgia, levantava-se ele, ainda que fosse fora de horas, afim de acudir àquele a quem os seus socorros deviam oferecer alívio. E porque as molestias, que ordinariamente atacavam as pessoas do povo naquelas circunstâncias, eram uma dor, umas maleitas, uma "malina", quase sempre a limitada ciência prática de João Mateus, e os remédios de que ele dispunha, bastavam a minorar senão a extinguir o padecimento alheio.

Ao passo que cuidava tão paternalmente dos outros, não se descuidava inteiramente de si mesmo. De tudo o que havia dentro das suas terras ele vendia a quem estava nas condições de o comprar, estas vendas porém, eram feitas sem revelar mínima cubica, nem usara da parte dele. O anção, que diziam ter vindo do centro do Ceará ou Piauí, comprava a fazenda do "Jatobá" nos comecços da guerra. Recebendo a muito estragada e empobrecida, dentro de um ano lhe dera aumento que a todos causava admiração. Quando alguém lhe dizia que o seu antecessor não prosperara, porque, por preguiçosos ou desmazelado, não era para andar com semelhante ramo de vida, João Mateus acudia logo, refutando estas descorridas conclções:

— A razão não é esta; a razão principal é porque ele tinha talvez grande família; enquanto eu não tenho nenhuma; ele despendia talvez com incontestáveis credores, doenças graves, ou largas fianças os pequenos rendimentos; eu, graças a Deus, não tenho sentido a umha ou a dente destes males que amfinam tanto os pais de família amantes dos seus, e ditos da consideração de todos. Não devemos fazer máis juízos dos outros, porque não há réo que não possa alegar a sua justificação ou as suas excusas.

A verdade, porém, é que João Mateus, que não possuía senão aqueles três escravos, não sentia fúria, e parecia ir amodando já alguma luvra de manso e manso. Era isso o que dizia o povo.

Certa manhã, pôs-se a caminho para Goiânia com uma grande boiada que all devia vender por bom dinheiro. O vaqueiro Valentim ficara na fazenda; com João Mateus, iam seis tangerinos, entre os quais um de nome Cipriano, rapaz de excelente coração, trabalhador, e sossegado. Depois que comprara a fazenda, era a primeira vez que arredava dali o pé o dono dela. Quando chegaram à beira do rio, começavam a atravessá-lo os três malfetores que sabiamos.

Os tangerinos locaram os bois para a água, e iam estes pelo meio do rio, quando sou o primeiro tiro, o que fora disparado por Pedro de Lima; e conquanto as boiadas não arrancaram de dentro da água, ficaram as réas tão espantadas, que, com a detonação do segundo tiro, quando já estavam da outra banda, delataram a correr. Quatro dos tangerinos seguiram a boiada praticando esforços, gritando aos animais, afim de os conterem; dos outros dois, um sabedor das proezas dos malvados — deixou-se ficar com o negro ao pé do fazendeiro, para o defender se fosse preciso; o outro — Cipriano — con-

doendo-se de Bernardina, corra a salva-la, sem que o visasse os malfetores. Quanto a João Mateus, resolveu ir em socorro de Lourenço, parte fraca. Posto que não o conhecesse, a nobreza dos seus sentimentos sugeriu-lhe este procedimento; e foi assim que se achou tão a ponto de livrar o moribundo da fúria dos bandidos.

O fazendeiro tomou Lourenço nos braços com especial expressão de dó. De instante a instante escapavam-lhe aos lábios palavras repassadas de mágoa e aflição:

— Meus Deus! meu Deus! Quem havia de dizer que seria este o seu destino? Está acabado. Sómente a misericórdia divina o poderá salvar.

Com o auxílio do tangerino e do negro, conduziu o enfermo para um lugar mais alto, onde de as águas do rio não tinham podido chegar, e em panos que trazia na maleta presa à garupa, tomou-lhe os golpes, e enxaugou-lhe o sangue.

Ali esteve com ele enquanto o negro e o tangerino improvisavam uma balsa para transportá-lo a outra margem. Emfim, antes do meio dia, Lourenço occupava o melhor aposento da casa da fazenda.

Por muitas horas esteve sem fala. João Mateus já sentia desamparar-lo a última esperança de salvar aquela vida, quando Lourenço, depois de um al que lhe arrancara a dor dos ferimentos, perguntou:

— Bernardina? Onde está Bernardina?

— Estou aqui, Lourenço. A rapariga estava, de fato, a cabeceira do moribundo. Cipriano pudera salva-la, metendo-se pelo mato, por fugir aos bandidos, no momento em que estes falavam com João Mateus, tomando depois atalhos que lhe eram usuais, descendo à margem do rio cerca de um quarto de légua abaixo do lugar do conflito, atravessando as águas, e enfim levando-a à fazenda onde presume já estar o ferido.

Junto de Bernardina, João Mateus tinha as vistas presas em Lourenço. Um dos ferimentos era profundo e mortal; requeria toda a atenção e cuidados. Por isso, aqueles dois entes, que parecia decharem igual afeto ao doente, não consentiam em deixá-lo entregue somente a si.

Por volta de meia-noite, taciturno, pálido, os olhos enruvados, João Mateus mandou que a rapariga o deixasse só com o enfermo. Ela obedeceu, levando os olhos cheios de lágrimas.

Na sala da frente havia um oratóriozinho com alguns santos. Estava aberto; um candelero de metal esclarecia o com sua luz amarelenta, quase lúgubre. Bernardina ajoelhou-se diante dos santos, e fez uma promessa a S. Sebastião, que se via preso a uma árvore, tendo o corpo frechado, segundo reza a crônica, por selvagem. Feita a promessa, a rapariga retirou-se, cheia de esperança e fé, ao interior da casa.

Enquanto esta cena de piedade, que estava no espirito da aqueles tempos, e ainda hoje se pratica no seio de muitas famílias, se passava na sala, o fazendeiro, levado por idéntico sentimento religioso, propunha no quarto ao enfermo a confissão, nestas palavras:

— Lourenço, poderás confessar-te?

Abria os olhos a custo, o mudo respondeu com voz pezarosa:

— Quem é que me há de confessar?

— O que te pergunto — retorquiu o fazendeiro, é se podes cumprir este dever de todo bom cristão.

— Posso e desejo porque sei que desta não hei de escapar. O fazendeiro levantou-se, puzo a porta do quarto contra si, deu volta à chave, e tomou por uma portinha que parecia esta-

belecer secreta comunicação com o aposento contíguo. Era neste que ele tinha em bom recato os seus livros e outros objetos que muito zelava. Ao cabo de alguns minutos estava de volta à alcova, e dizia ao enfermo:

— Lourenço, os teus desejos vão ser satisfeitos.

Lourenço abriu novamente os olhos. A sua cabeceira achava-se um padre com a vestimenta negra e tala. Procurando com as vistas, à luz do candelero que alumia a alcova, o fazendeiro que acabara de falar-lhe, não o encontrou. Voltando-as depois ao padre, e parecendo reconhecer nele um antigo conhecido:

— "Seu" padre Antonio! exclamou espantado.

— Tu me reconheces? respondeu o fazendeiro, que não era outro senão o padre Antonio de Maria.

Lourenço, sem se poder domar, tentou um esforço para levantar-se. Estendeu os braços como quem queria prender entre eles o sacerdote; mas, faltando-lhe as forças, resuiu em mortal prostração, banhado de sangue.

O padre, porém, foi em seu auxílio. Inclinou-se sobre o enfermo, e pegando-lhe em uma das mãos, inquiriu brandamente:

— Que queres de mim, Lourenço?

— Que quero? tornou o moribundo. Quero agradecer a tua bondade "seu" padre. Estou para morrer, mas ainda me lembro do que vósmece me fez no Cajuero, do ensino que me deu, e das terras e casa...

E como se estas palavras lhe avivassem uma lembrança olvidada inteiramente, procurou, ainda que com dificuldade, na cintura, o cinto de algodão que sempre trazia consigo.

— Os ladrões até me tiraram o papel... o papel que vósmece, "seu" padre, deixou em mãos de minha mãe... Roubaram o meu papel...

— O teu papel agora, Lourenço, é o que cumpre a todo bom cristão. Estou pronto a ouvir. Terminada a confissão, o padre dirigiu estas palavras ao penitente:

— Se Deus se lembrar de ti, e te salvar, imponho-te que a ninguém reveles o meu segredo.

— "Seu" padre, a ninguém direi quem e vósmece; mas meu coração estará a dizer-me, a todo instante, que vósmece é seu padre Antonio, aquele que me ensinou a ler, que me deu muitos conselhos, que ajudou meus pais a fazerem de mim gente, que me deu a casa e as terras do Cajuero, que tem sido para mim um segundo pai.

— Lourenço, o padre Antonio fugiu, e ninguém sabe onde ele se meteu. Quem está aqui, neste instante, que vósmece é seu padre Antonio, aquele que me ensinou a ler, que me deu muitos conselhos, que ajudou meus pais a fazerem de mim gente, que me deu a casa e as terras do Cajuero, que tem sido para mim um segundo pai.

— Lourenço, o padre Antonio fugiu, e ninguém sabe onde ele se meteu. Quem está aqui, neste instante, que vósmece é seu padre Antonio, aquele que me ensinou a ler, que me deu muitos conselhos, que ajudou meus pais a fazerem de mim gente, que me deu a casa e as terras do Cajuero, que tem sido para mim um segundo pai.

— Podes vósmece desamarar.

— Agora pega-te com Deus, e repousa.

Desaparecendo na porta que dava para o aposento secreto o padre foi dizendo consigo estas palavras:

— Podes agora comportar-te perante o Supremo Juizador dos homens. O teu dever de cristão e o meu de sacerdote estão cumpridos.

Lourenço, porém, não estava destinado a acabar obscuramente, no seio daquela solitária agreste de poucos conhecidos. Dentro de algumas semanas, graças a solicitude do padre e de Bernardina, começou a sair da região da vida que parece pertencer aos dominios da morte, tão confuso e sombrio e o seu horizonte, tão longo o resplandecio que ali reina. As forças voltavam-lhe lentamente, por fios tenuíssimos ao princípio, por mais grossos canais, depois, que lhe traziam ao coração e ao

ROMANCISTA

cérebro a riqueza do seu antigo animo.

— Uma manhã, o padre, que penetrara a forte inclinação de Lourenço por Bernardino, levantou-se muito cedo, como de costume, e encaminhou-se ao curral das vacas, onde encontrou já Cipriano tirando leite. Imediatamente mandou chamar Bernardina para ajudar o vaqueiro no serviço.

Logo que chegou a rapariga, disse o padre a Cipriano:

— Dize-me cá uma coisa, Cipriano: que idade tens?

— Vou fazer vinte e dois anos.

— É uma idade casadoura, e não sei porque ainda estás solteiro.

— Como me hei de casar? O que eu ganho, mal chega para mim e para minha mãe.

— Não seja esta a dúvida.

Tens-me prestado muitos serviços, e eu não desgosto de ti, porque és bom rapaz. Venho em teu auxílio. Procura uma rapariga que te agrade, que te dê algo e terras bastantes para principiaries uma fazenda.

Cipriano, que nesse momento botou no umbro de uma vaca a fim de chamar o leite, ergueu-se e pôs os olhos no seu interlocutor, como quem perguntava se nas palavras professoras estava uma promessa real e séria.

— E' o que te digo — retorquiu o padre. Procura uma consorte. Mas parece que em toda esta redondeza não encontras nenhuma. Verdade seja — proseguir — que para este inconveniente teríamos um remédio ao pé de nós. Olha lá. Tu salvaste Bernardina das unhas dos bandidos, atravessaste com ela os matos e o Tracuncão, expuseste por ela a tua vida em terra e nas águas, porque o Anadorinha, tanto que dela pela falta, entrou a rastejar a fugitiva, para ver se a descobria. Ora, à vista de tanto risco que correste, de tanto esforço que puseste em salvar esta menina, justo parece que ela sinta por ti, senão parecia ao menos qualquer inclinação, que possa vir a ser no futuro um respeitável amor conjugal. Que dizem vocês?

Não disseram uma palavra sequer o rapaz nem a rapariga.

O padre, porém, conheceu que as suas palavras tinham tido o efeito que ele calculara.

— Não se vexem com isto — tornou. Pensem no futuro que lhes ofereço, e que Deus há de abençoar. Amanhã a esta hora e neste lugar dar-me-ão a resposta.

E retirou-se deixando Cipriano e Bernardina no trabalho de ordenhar as vacas.

Tanto que o padre Antonio deu o andar, Bernardina disse, a meia voz:

— Não pensei que seu João Mathews me chamava para me fazer esta entrega.

Cipriano acudiu logo:

— Para que você diz isto, senão Bernardina? Ele nos quer bem. Se não quisesse, ele não propunha este negócio.

— Mas ele sabe se eu quero casar com você?

— Ele não sabe, nem eu sei. Mas a intenção é tão boa para você como para mim. Lá a você não quer casar comigo, é outro caso.

— Pois eu não quero casar com você, não, seu Cipriano, disse Bernardina com disfarce. Cipriano não respondeu.

E porque tinham acabado o serviço, cada um se encaminhou para a casa com sua panela cheia de leite.

Logo depois, encontrando-se o vaqueiro com Bernardina, junto do chiqueiro das cabras, disse-lhe estas palavras:

— Pense no que faz, senão Bernardina. Olhe que amanhã bem cedo tem de dar a resposta a seu João Mathews.

— Eu já sei que resposta hei de dar.

— Qual é?

— Que quer saber?

— Quero, sim, porque tenho meu interesse aí também.

— Pois amanhã saberei, e talvez o seu interesse tenha a sorte de ovo gôro.

E fugiu para dentro da casa. Mas antes de adormecer de todo, teve ela de ir ao poleiro a buscar uma galinha para Lourenço; e quando se aproximava do girão onde as galinhas dormiam, viu tomando chegada, um vulto que veio para junto dela. Era Cipriano, que, segundo indicavam as aparências, não pensara em outro assunto durante o dia, senão no casamento, e andava rondando a rapariga.

— Então, senão Bernardina, que decide você? perguntou ele, pegando, de surpresa, da mão da filha de Vitorino.

A rapariga estava triste. Em lugar da natural vivacidade, que não perdiam nos mais arriscados transe, tinham seus olhos uma expressão de mágoa íntima. Em seu espírito operava uma revolução, cruel e devastadora. O padre Antonio chamara-a depois do almoço, e tivera com ela uma longa confidência.

— Menina, dissera ele, seja qual for o favor que a sorte lhe tenha guardado no futuro, não se pode duvidar que o seu casamento com um rapaz de boas sentenças, e de costumes ainda melhores, fora a maior felicidade, e você não a deverá recusar. Você não conhece Cipriano, mas eu dou testemunho das suas excelentes qualidades. Em toda esta redondeza não há nenhum que possa ombrear com ele na diligência, no trabalho, e no bom coração. Não é de hoje que eu o tenho no meu serviço. Então, basta que eu lhe diga que, se Cipriano não fosse digno da minha benevolência, eu não lhe daria o que prometi. E o que mais deseja você, minha filha? Melhor marido posso quase assegurar-lhe que em vão procurará no mundo. Demais, minha filha, você teve a desgraça de lhe haverem roubado o único tesouro que traz como dote a filha do pobre. Aceite portanto a minha proposta. Se Cipriano a quiser para mulher, não enjete a felicidade.

O vaqueiro não era mal parecido. Bernardina sentia até por ele inclinações vagas, que, se não fossem as condições que a ligavam a Lourenço, naquele momento, poderiam ter-se convertido talvez em amor. Quando o vaqueiro correu com a sua faca de campo a corda que lhe apertava os pulsos, e a prendia ao tronco da árvore, ela sentiu-se tão grata ao moço, por esta ação, filha da sua coragem e da sua caridade, que não teve expressões para manifestar exatamente quanto ficara cativa dele.

Arrancando-a, para que assim o digamos, das mãos do perverso, ele não se livrara somente do Tunda-Cumbe, cujo despotismo já não podia sofrer; ele seguira com ela através de matos, atravessara águas impetuosas, e sem o menor indicio de a querer aviltar, trouxera-a respeitavelmente até à casa da fazenda. Por muito menos tem-se visto acender-se paixões imorais; e tudo levava a supor que no coração da matuta alguma dessas sublimes paixões teria origem, se não se interpusse entre o vaqueiro e ela o vulto de Lourenço. Esse vulto era simpático à menina por mais de um motivo. Ela conhecia Lourenço desde a sua infância e votava-lhe afeição fraternal, quando foi roubada pelo Tunda-Cumbe.

O sentimento fraternal não era contudo o que ela aninhara no coração depois que Lourenço, revelando a sua paixão, dera mostras de lhe dedicar especial afeição. A rapariga pouco e pouco habituara-se a querer bem ao rapaz de modo diferente. Em sua longa enfermidade, esse bem aumentara. A dor aproxi-

ma as almas irmãs. Ela sofria com o sofrimento da vítima.

Ao princípio escurtizara amar Lourenço. "Lourenço pertence a Marantinha", dissera-lhe a consciência em sua linguagem muda, mas imperiosa. Mas depois, com os cuidados que se julgava obrigada a prestar, e de feito prestara ao rapaz com sua longa doença, a voz íntima fora pouco a pouco abafada pelo sentimento nascente; e este resultado chegara a tal ponto que o sentimento avultava, se tornara força quase invencível, e a consciência, posto que nunca inteiramente vencida, transigira por último.

O amor contrariado torna-se indagador e discutidor. Bernardina, antes de responder ao fazendeiro, pensara no caso.

— Que interesse tem seu João Mathews em me ver casada com Cipriano? Ele não é seu filho, não é seu irmão, não é seu parente, não é nada seu; donde vem esta empenho? Eu bem estou vendo que o casamento não é máu, e até não desgosto de Cipriano, que não é feio, é trabalhador, e tem o gênio muito bom. Também estou vendo que a minha pouca sorte, entregando-me a seu Tunda-Cumbe, aumentou a minha desgraça. Mas quem sabe se assim como fui desgraçada com Tunda-Cumbe, não poderei vir a ser feliz com outro homem que não seja Cipriano? O melhor é dizer a verdade a seu João Mathews, já que ele não compreendeu ainda que eu gosto de Lourenço e Lourenço gosta de mim. O melhor é dizer-lhe que eu quero bem a Lourenço, e que só com ele me casarei.

De acordo com esta ordem de ideias, a rapariga deu ao padre Antonio a resposta seguinte:

— Eu não quero casar-me aqui. Lourenço, quando me tirou do rancho do Cipó, foi para me levar para a companhia de minha mãe. Se estou aqui, é porque tivemos a desgraça de encontrar-nos com os malvados que nos quiseram matar, e a Lourenço deixaram por morto. Esta é a verdade que estou dizendo a vosmecê. Agora, se eu me quisesse casar, então seria com Lourenço, que me conhece, e que é meu conhecido desde menino.

O padre, que não contava com esta resposta, pôs olhos penetrantes em Bernardina, como quem queria ler todo o passado em seu semblante. Ignorando o como compromisso que Francisco tomara para com Marantinha, ficou supondo, por estas palavras de Bernardina, que esse amor que ele tratava de extinguir, tinha as suas raízes nos corações dos dois jovens desde os seus primeiros anos. A suposição fê-lo por momentos considerar mais difícil do que no princípio lhe parecera. Impediu o consórcio; mas, tirando argumentos, do que acontecera à rapariga, retorquiu:

— Quaisquer que forem as relações que liguem você a Lourenço, minha filha, o seu casamento com ele me parece altamente inconveniente, para não dizer impossível. Eu tenho amplo conhecimento da vida de Lourenço. Se, pela parte que Lourenço tom tomado pela nobreza, já lhe é muito arriscado, não obstante ser solteiro, viver em Goiânia, agora, que eis for tirado a menina do poder do feitor chefe dos bandidos do norte, a sua estada lá, tendo em sua companhia a menina, seria a mais direta provocação à vingança desse chefe, e, pelo estado atual das coisas, Lourenço seria irremissivelmente vencido. O homem que a levasse em sua companhia para Goiânia, expor-se-ia a morrer. Você, voltando à casa de sua mãe, pode ter desde já a certeza de ser novamente tirada por Tunda-Cumbe. Somente longe dos lugares, onde esse bandido domina despoticamente, poderá ter

alguma tranquilidade. Ora, estas paragens estão nesse caso; mas Lourenço está impossibilitado de procurar abrigo nelas, porque a sua família, as suas amizades, os seus benfazeiros lá é que se acham, e pode-se dizer que lá não podem ser deslocados. Seja, pois cordata, e não enjete a felicidade que se lhe oferece; Cipriano é de um natural muito estimável, eu conheço-o de há muito, e folgaria de o ter casado aqui, ao pé de mim. Deixe Lourenço seguir o seu destino. Seus pais já não são crianças; mais dia menos dia, hão de precisar dos serviços e amparo do filho. Estou informado de que a mãe e a irmã da menina vivem com a mãe de Lourenço; é portanto de presumir que elas, a quem roubou o único protetor aquele que a você roubou a honra, participem da proteção que Lourenço tem para a mãe. De você uma prova de benevolência para sua mãe e sua irmã, não sendo causa, quando por outra razão não seja, ao menos em atenção ao bem estar de ambas, para que se aparte da companhia delas aquele de quem hoje tudo esperam.

Estas palavras exprimiam tão exatamente a verdade, que Bernardina não teve que retorquir ao padre, em resposta. Incluiu a cabeça, cravou as vistas no chão, e dali a pouco as lágrimas começaram a apontar-lhe nos olhos.

— Não chore, minha filha — disse o padre Antonio. Você ficará morando aqui ao pé de mim. Do que eu comer, vocês hão de comer também. Servem-me-lhe de companhia, neste deserto, e eu guio-os-ei na vida, cujos caminhos são tão difíceis e enredados. Em Deus fio que havemos de ter aqui a tranquilidade de espírito, e paz do Senhor, que em vão se buscaria nessas terras, que o vento da anarquia tem revolvido, e continua a revolver.

O padre, como se considerasse vencida a dificuldade do lado de Bernardina, encaminhou-se para o quarto onde estava Lourenço; era preciso destruir ali outro abastáculo, porventura mais forte que o primeiro. Mas, sem desanimar, antes fortificou com a vitória ganha, ele tinha quase por certo que igual vitória ganharia. Refletiu alguns instantes em silêncio antes de penetrar no aposento do enfermo.

Lourenço estava sentado na cama, quando o padre entrou. Pensava precisamente em Bernardina, em quem o seu espírito andava absorvido.

Tinha terminado a primeira refeição, e ficara encostado à parede, os olhos voltados para a natureza, que, pela janela, nesse momento aberta, se lhe mostrava fresca, esplêndida e magnífica.

— Há quantos dias estou na cama? perguntou ele ao padre.

— Há talvez umas cinco semanas.

— Estou doído por me levantar. Tenho muitas saudades da minha vida do campo.

— E dos seus não te lembras? De minha mãe me lembro a toda a hora. Não vá e a cuidar que já morri por aí alem.

— É natural, que não seja outra a sua idéia.

— Collada! Quantas lágrimas não terá derramado por mim!

— Não te amofines por isso. Vejo-te quase são; em breve hão de levantar-te. Tanto que puderes montar a cavalo, bom será que não retardes a tua volta. Deves encurtar a aflição da pobreza e das outras que com ela vivem hoje.

— E' verdade. Sinha Joaquina e Marantinha hão de pensar também muito em mim.

— Mas a estas terá uma boa nova que levar. Quando soubermos que Bernardina está viva, e fica amparada... E' verdade: devo dizer-te que Bernardina, que parecia estar condenada a

trazer os olhos sempre inclinados para o chão pela sua desgraça, dentro em pouco tempo será digna de entrar em qualquer casa de família sem sentir o sangue subir-lhe às faces, ou sem o fazer subir às faces das donzelas e das damas honradas.

— Que quer dizer com isso, "seu" padre? inquieto o rapaz, inquieto e como espantado.

— Bernardina casará dentro de algum tempo com Cipriano.

— Bernardina! exclamou Lourenço violentamente, como se lhe tivesse caído junto um rão. Pois Bernardina vai casar-se?

— Não te comovas tanto, meu filho. Condoendo-me da infeliz rapariga, procurei-lhe essa união, que Deus há de abençoar.

— E foi vosmecê "seu" padre, quem lhe arranjou esse casamento?

— De que te admiras? Cuides que esta notícia, em vez de te causar escândalo, fosse origem de muita satisfação em ti. Cipriano tem uma parte nestas terras, e tantas cabeças de gado quantas forem bastantes para situar, ao lado desta, outra fazenda. Parece-me, Lourenço, que nenhum outro partido tão favorável se poderia oferecer a essa menina, de quem a sorte tem feito loquete.

— E Bernardina, "seu" padre, e Bernardina casa-se por gosto?

— E por que não se há de casar por gosto? Em que parte acharia ela tão bom marido? Em Goiânia, onde conhecem o seu infortúnio, e onde não pisará sem expor a mil perigos a sua vida e a do homem que a levar em sua companhia?

— Meu Deus! meu Deus! como as coisas se agram! exclamou Lourenço, profundamente abalado. Eu cuides que Bernardina...

Lourenço não pôde acabar. A luz fugiu-lhe dos olhos. A razão perdeu-se-lhe em um mar de conjecturas. Caiu sem sentidos sobre o leito.

Correndo a socorrê-lo, o padre Antonio dizia, a meia voz, como quem respondia a uma interrogação ou exprobação íntima:

— Antes quero vê-lo morto do que ligado a uma mulher que o não mereça.

OPINIÕES SOBRE FRANKLIN TÁVORA

OPINIAO DE SILVIO ROMERO

Os outros tipos representativos do romance brasileiro são Franklin Távora, Aluizio Azevedo e Coelho Neto, cada um deles à frente de um grupo, ou melhor cada um deles apontando um caminho a ser trilhado por outros. Távora, cujo mérito não tem sido devidamente avaluado, é o mestre mais perfeito no "tradicionalismo aldeão", com "O Cabelinho", "O Mulato", e esse admirável "Lourenço", um dos melhores livros de nossas letras. Aluizio, com "A casa de pensão", "O cortiço", para não falar no "Mulato", "O Coruja", e "O Hxmém", fez os dois livros mais realistas de toda a literatura pátria.

Coelho Neto tem feição própria na imaginativa, na facilidade de escrever, no vocabulário abundante, no colorido das tintas, e menos na profundidade da análise, na pintura dos caracteres, nem numa sistematização certa para um alvo determinado. Ao contrário, sua obra, já hoje bem avaliada, dá-nos, o exemplo de um completo ecletismo. Não é um sistemático à Machado, à Pompeia, à Aluizio ou a Távora.

(Livro do Centenário)

UM CAPÍTULO DO "MATUTO"

Lourenço tinha tido para o engenho a destilação, e antes de chegar às nuvens de fumo já lhe tinham indicado o que ele suscitava, pelo que fora vindo ao sair da vila. Em seu trajeto do Cajuíro para esta, os bandidos de Pedro de Lima tinham posto fogo nos canaviais, e casas fechadas ou desamparadas, que ardiam agora, como se a terra, por ali, na combustão primitiva, lhes houvesse comunicado o incêndio.

— Não há que duvidar — disse o rapaz. Andaram por aqui os ladrões. Estiveram no engenho, e quem sabe o que por lá fizeram?

Certo tinham cortado quasi por dentro do mato os bandidos, pôde o rapaz chegar ao Cajuíro sem com eles se encontrar, é cedo testemunhou, com seus próprios olhos, o que de face com a casa de Vitorino, o estrago, o desbarato, as ruínas, que ali deixara a borda sem freio.

Das portas algumas tinham sido arrancadas, outras postas por terra. Só as janelas estavam nos seus lugares.

Lourenço não pôde fugir e entrar, não obstante sua pressa em chegar à casa grande. O estado interior da habitação do almocreve não era mais animador do que o seu estado exterior. Tamboretes, caixas de madeira, girais de varas, potes, estavam despedaçados e destruídos. Lia-se ali só perversidade, porque nesses móveis e vasijas ninguém suspeitava a existência de objetos que pudessem tentar a cobícia, e explicar até certo ponto a sua violação ou arrombamento.

— E para onde teriam fugido as mulheres? Inquiriu de si para si o matuto.

Ao montar de novo, o espírito cheio de pesar e incertezas, lançou Lourenço as vistas casualmente ao chiqueiro, onde Joaquina tinha o cavalo, que devia dar uma fartada à família no dia de São Tomé. A sangueira, que cobria o chão desde o chiqueiro até à meia-água de palha, a cuja sombra as mulheres lavavam a sua roupa, fazia certo que o cavalo passara pela execução capital antes do dia aprazado, e que se tinham aproveitado dele, não a família, que devia encher de alegrias, mas os saltadores e assassinos. O banco de lavar roupa, coberto de sangue, e aos pés dele uma resaca de palha queimada indicavam que ali mesmo se praticara o cruento sacrifício.

Triste e colérico ao mesmo tempo, Lourenço perseguiu o caminho.

Adiante apareceu-lhe a casa de Manuel das Dores, matuto muito pegado com Vitorino, de quem se dizia contra-parente. Este sujeito era o solteiro do lugar. Vivia muito metido consigo mesmo, e só uma vez ou outra surdida sem ser esperada em casa dos vizinhos.

Alinda de longe o rapaz reconheceu que por ali passara também o devastador soão. As portas, as escanearas, deixavam à mostra a destruição efetuada dentro. Não havia fleco a apertar sobre pedra. Pela estreita sala iam-se espalhadas estêres e roupas velhas. O chão fora revolvido à ponta de espada ou de ferro de cova. Praticando assim, os saltadores deixavam manifesta a sua intenção. Tinham procurado dar com o mealheiro em que se dizia guardava o velho a pratilha que podia ajudar.

— O meu Deus! Não vejo ninguém. Onde se meteu esse povo? Nenhum morador nem negro do engenho! Parece que todos fugiram para o mato com medo dos ladrões.

Estas palavras escaparam dos lábios de Lourenço como uma

doz que não cabia no coração.

Adiante da casa do vilote, era a de Sabino, em cuja contorna morava Saturnino. Do lado de fora, ao pé da porta da frente, via-se um volume imóvel, no meio de uma poça de sangue, por cima do qual estava um exame e mostas. Era o cão de Sabino, que por ser fiel defensor da morada de seu senhor, e ter feito fortes e repetidas investidas sobre os assaltantes, para impedir que entrassem, recebera uma bala, que o deixou por terra, com a cabeça aberta e a língua se lhe pendia sobre sanguinolento canino.

Conteceu a impressão se Lourenço com esta solidão, este deserto cruel em que só se lhe deparavam indícios de atrocidades e esmifinas, de fraqueza e terror.

Tinha já descoberto o chão da casa grande e lá passar para ela por entre a capela e o pumier, quando um vulto se lhe apresentou do lado dos canaviais. Afimando a vista, reconheceu Marianinha.

Correu para ela tomado de súbita alegria. As antigas reservas e abstermentos não lhe lembraram nesse momento. A presença da moça fez a como um raio de luz que atravessava as densas sombras que enchiam o espírito do rapaz.

— Você por aqui Marianinha? Estou cansado de ver solidão, estagios e sangue. Onde está sua gente? Não ouço nenhum rumor, nem vejo ninguém na casa grande. Que quieto der lito?

A primeira resposta da moça foram as lágrimas. Depois, em rápidas palavras, ela contou toda a desgraça, ou antes, a série de desgraças que o engenho fora teatro momentos antes.

Ouvindo a fúnebre narração, Lourenço não soube o que dizer por alguns instantes. Ficou a modo de privado do uso da razão. O pesar, a cólera, o desceio de vingança se o tiveram entre o idiotismo e a loucura. O estado melindroso de suas faculdades aumentou ainda mais, quando ele soube que no engenho não havia ninguém com que contar para ir em socorro dos que estavam precisando dele na vila. Alguns corpos sem vida era só o que restava das forças que tinham ficado para defesa da casa grande. Os negros, que no combate não tinham caído mortos ou feridos, esses haviam fugido para o mato, determinando a não voltarem segunda vez para a extravadição.

Para contar o acontecimento, Marianinha parara ao pé da ingazeira centenária que se levantava de um dos lados do caninhão, e que com outras formava uma como galeria por cima do braço do rio que cortava por dentro do cercado. Foi ali na sombra e no retiro, que davam mais solenidade as suas palavras, mais gravidade as suas palavras, que ela deu o relatório dos episódios de que tinha conhecimento. Quando chegou ao da morte de Vitorino, a pobre rapariga entrou a chorar como louca.

— Vamos para fora, Marianinha, disse Lourenço, vencendo a eufria a comoção. Quero ver sua mãe.

— Vamos, sim, disse a moça. Eu tinha vindo em busca de Saturnino para ajudar minha mãe.

— Ajuda-a a que...? — Você vai lá saber, Lourenço — respondeu a moça, deixando-se banhar cada vez mais em suas próprias lágrimas.

Do lado de fora da galeria, a luz livre da manhã, luz graciosa e terna que parecia um sorriso de noiva, luz que patentava os mínimos acidentes da natureza, pôde Lourenço ver melhor Marianinha.

Trazia ela os cabelos revoltos,

avermelhados os olhos de muito chorar, crestada e macia pelucia nas faces, que não obstante mais acedias se mostravam de natural rubor. Mas esses olhos, posto que chorosos, tristes e alagados, eram ainda tão matadores, tão ternos, tão doces, que a cada um de si tocou a suavidade da beleza, esparsa pelas varzeas, pelos vales distantes, na luz que caía do céu como chuva de ouro, nas flutuações da folhagem, na frescura das vastas sombras, atraídas como leitos de paz e tranqüilidade no meio da solidão rítmica de espiandores e cantos.

Entraram na capela pela portinha da sacristia.

Ao penetrar na estreita e sombria nave, o espetáculo que a Lourenço se mostrou, foi o seguinte:

No meio da igreja, ao lado de um monte de terra fresca, jazia um cadáver; era o de Vitorino. Entre esse cadáver e o monte, uma mulher estava deitada onde estava abrindo uma cova, pás de terra, que atirava sobre a que havia fora. Da Joaquina.

Lourenço quase a não conheceu, tão demudado estava o rosto da infeliz. A desvelhadeira a em poucas horas. A dor tem mais violência e rapidez na sua obra do que o próprio tempo.

Joaquina só se deixava ver da cintura para cima. A outra parte do corpo estava metida na cova. Os cabelos, em sua maior parte embranquecidos pelas necessidades usuais da vida do pobre, e agora pelo sofrimento da adversidade que lhe enregelara os últimos cabelos, caíam sobre as faces marchadas e marrentas, davam-lhe uma feição que gerava em quem a via.

Sem dizer uma palavra sequer, Lourenço que aprendera de Marcelina a ter para os cadáveres plenas demonstrações, ajoelhou-se aos pés do corpo de Vitorino, rezou em silêncio sua oração, e, erguendo-se, aproximou-se de Joaquina, tomou-lhe a pá das mãos e pôz-se em lugar dela a prosseguir o último trabalho que o morto exigia dos vivos na terra. A mãe e a filha, mudas e taciturnas, acompanharam com suas lágrimas de que o rapaz verteu, abrindo o leito final do seu vizinho, amigo de seu pai e quase seu pai, a quem votava estima e prestava respeito.

Chegou enfim o momento de ser entregue à sepultura o corpo do finado. O pranto das mulheres redobrou. Marianinha fazia exclamações de cortar o coração. Joaquina carpi-se inconsolável, envolvendo com o nome do marido e da filha mais velha que lhe fora arrebatada momentos antes da perda do primeiro. A mão trêmula, o braço hesitante, começou Lourenço a impelir para dentro da cova, depois de se haver sumido nela para sempre o seu mulhiero habitador, com a pá que lhe pesava como barra de ferro, a terra acumulada nas bordas. A tristeza era profunda, solene o momento, indescritível o espetáculo.

— Que será de mim sem meu marido? exclamou Joaquina soluçando.

— Que será de mim sem meu pai? acrescentou Marianinha, desfazendo-se em lágrimas e suspiros.

Lourenço tinha posto na cova a última pá de terra. Sua mão descaíra sobre o cabo do instrumento.

Por impulso irresistível de espírito, ele voltou-se para as mulheres, ouvindo aquelas palavras, e disse-lhes:

— E onde estão os outros filhos de Deus? Onde está meu pai? Onde está minha mãe? Onde estou eu? Deus é Deus em toda a parte, e quando tira um arrimo ao necessitado, já

tem posto outro diante dos olhos dele.

Ouvindo estas palavras, Marianinha sentiu descer-lhe ao íntimo do coração um como bálsamo reparador e divino. Ergueu os olhos ao rapaz, estava inundado de um clarão suave. Havia ali talvez um agradecimento que lhe dirigia pela doce esperança que, depois de tantas contrariedades, penas e angústias, muitas delas ocasionadas por ele próprio, restava agora, posto que banhado em prantos, no solo crestado, que de repente se tornava fresco e fecundo ao calar dessa bendita consolação.

Nesse momento ouviram bater a porteira do engenho, e logo após o estrepido das pisadas de um animal que corria a toda a brida, Lourenço lançou-se à porta da igreja, afirmando quem era o cavaleiro e da com os olhos em Marcelina.

O conforto do coração de Joaquina e Marianinha aumentou com a chegada da cabocla, e especialmente depois que souberam que Francisco estava na vila, e que os mancebos naquele momento deviam ter já perdido a mão.

Lourenço quis voltar imediatamente a Golana, mas Marcelina não consentiu que o fizesse, dizendo-lhe que em pouco tempo Francisco se acharia com eles.

De feito, não se metiram duas horas que o matuto se reuniu à família, trazendo a importante nova da vitória. Maria Marianinha a vitória maior foi a que o matuto exprimiu nestas palavras:

— Não choreis, Marianinha. Perdeste teu pai, mas ali tens teu marido.

E indicou Lourenço que, com os olhos pregados na imagem do Crucificado, se mostrava nesse momento diante do altar, inteiramente alheio ao que se falava a seu lado.

Ex em que estava absorvido o rapaz.

Quando vieram de Golana horas antes, encontrara-o, entre a casa de Vitorino e a de Manuel das Dores, um bandido de Pedro de Lima a sombra de uma árvore. O malfeitor tinha passado a noite em claro, e na adaga do senhor de engenho fora dos que mais entraram pelo vinho generoso, o qual, dando-lhe na fraqueza, o impossibilitou para preencher o seu ofício naquele dia. Em uma das mãos tinha ainda um saco, de que marejava sangue.

Lourenço saltou do cavalo abaixo, tirou o saco das mãos do dono que estava ressonando, e abriu-o para ver o que continha. Era a cabeça do cavado de Joaquina, com que o saltador tentava aumentar o almoco que por eles devia estar esperando, segundo calculava, em casa de Coelho ou de Paes.

Teve então o rapaz a ideia de tomar uma vingança original. Com cordas do seu cavalo suspendeu por baixo dos braços o bandido ao alto da árvore. Ligou um pé ao outro, para que não tivesse meios de passar as pernas no tronco, e desprendeu os braços, que alou pelos pulsos na altura da cabeça da vítima, porém afastados. Enfim o leito figurava uma crucificação.

Planejava Lourenço queimar vivo o infeliz. Além de ser de seu natural máis, acabava de ver os males trazidos pela horda de que o malfeitor fazia parte, a ofensiva propriedade de pessoas de seu conhecimento e estima. Apanhara-o mesmo no roubo na mão, praticado na casa a que mais se sentia preso por gratos eles dentro todas as casas das vizinhanças. Enfim, vinha da vila trazendo o coração repleto de fei e chama pelo que ali faziam desde a

noite anterior os companheiros do malfeitor. Por tudo isso não hesitou em levar a efeito a abominável inspiração de seu odio e da sua maldade. Quem o visse então, o acharia outro do que era. A brandura de coração, obra de Marcelina, tinha cedido o lugar, que não era a nada exclusiva propriedade sua, à paixão animal, que o acompanhava do berço. A educação pode muito, quando ajudada de muitas lições e exemplos e ao cabo de tempo bastante, converter, pelo processo que em fisiologia é ainda um mistério, o espírito original em rosa filha do artifício, da delicadeza e da perseverança.

Como tinha pressa, Lourenço deixou ali bem segura a sua presa, calculando sujeita à repugnante suplício depois de vencidos os inimigos.

Agora, porém, casualmente erguendo as vistas ao Crucificado, lembrou-lhe a crucificação, de que um momento o tinham feito esquecer os últimos acontecimentos.

Francisco aproximou-se do rapaz, bateu-lhe no ombro e perguntou-lhe a causa do seu enleio.

— Vossmecê não viu suspenso na gamela do caminho o cabra que matou o porto de minha Joaquina? tornou ele.

— Vi, sim. Sabes quem foi? Leonardo, sobrinho de Gonçalo Ferreira. Quem foi que lhe fez aquela crueldade? Contou-lhe. Por um pouquinho não morreu.

— Pois eu estava agora mesmo pensando em ir acabar de matar aquele ladrão, aquele assassino.

— Quem? Tu, Lourenço?

— Eu mesmo, sim senhor.

— Não digas isto. Estás tu um homem e deves pensar melhor. Até onde queres levar o teu mau natural?

— Mas então eu não devia ter feito o que fiz? O ladrão não botou portas abaixo, não pôs fogo nos canaviais e nas casas dos outros, não tirou o que não era seu?

— Fex tudo isso, mas tu não és juiz, não és Deus para julgar os homens.

— Eu pensei — replicou o rapaz com ironia — que qualquer homem podia por suas mãos vingar-se de um malfeitor, matar um malvado que tivesse tirado a vida a muita gente.

— Estás enganado. Nem eu te quero para palmatória ou espada do mundo. Sabes o que fiz quando vi o pobre gemeiro e esperneando, pendurado, sem saber o que fazer para soltá-lo? Subi-me ao pé, cortei as cordas e disse a Leonardo que corresse, que fugisse para não cair no poder dos soldados do ajudante de tenente. Foge dessas maldades, Lourenço. Foge delas. Deus não ha de permitir, por esta hora em que estou falando, que pratiques ainda coisas como essa. Olha. Eu te quero para bom, e não para mau. Quero-te para servir de arrimo aos teus na velhice. Quero-te para catarses com esta pobre menina, que hoje mais do que nunca precisa de quem olhe por ela, e que está morrendo de te querer bem.

E indicou a filha de Vitorino. Lourenço, que tivera os olhos postos no chão durante todo o tempo em que Francisco descorria com tão boa moral, tornou-se à cova, a Marianinha, ao Crucificado, ao templo — morada de Deus, seja o templo católico, judaico, ou árabe — e não cresse nada.

Marianinha cruzou os braços, ainda raios de lágrimas, com os do rapaz, e enrubescera.

Mal's corada não se mostra fresca rosa de maio, alforçada pelo ovalho da madrugada.

da Academia Brasileira

das novenas que os devotos
zinhos da santa celebram em
dezembro, época em que a
trada aumenta de delicias, pe
que os cujitos e as jaquie
embalsamam com seus arro
o ambiente, e é tudo ali aleg
florida...

(Romance Sacrifício — 1904)
leira — Tomo I — 1879.)

A Cruz do Patrão — Franklin Távora

O Beberibe é a mais rica e bela página da história do domínio holandês nas províncias do norte do Brasil. Cada uma das suas ilhas representa um capítulo da homérica epopeia, que, por muito tempo trouxe acamorado o velho mundo no século XVII. A Cruz do Patrão, posto que não houvesse figurado nesses tempos heroicos, veio a ser depois o vulto importante das muitas tradições de vale de Beberibe.

A Cruz do Patrão está situada no istmo — gigantesco traço de união — posto pela natureza entre o Recife e Olinda. É uma cruz de pedra; está colocada no cimo de elevada colina e serve para indicar aos navegantes o poço onde surgem os navios, entre o istmo e o Recife natural que borda a orla. Tem, ao norte, o porto do Buraco e ao sul a Bridade do Brum, aí plantada pelo gênio batavo.

Por muito tempo foi creença que, todo aquele que passasse de noite por perto dela, ouviria gemidos angustiosos, veria almas penadas ou seria perseguido por infernais espíritos. Circunstâncias acidentais davam autoridade a estas creenças de remotas eras. Mais de um viajante, passando por ali em horas mortas, encontrava o termo de seus dias. O sítio é de sua natural deserto e como propício para se cometerem violências e atrocidades. De um lado corre o rio, profundo nas noites vivas; do outro ruía bramando e estardalhando ondas, o oceano, tímido insoneável e machinho; o istmo é estreito, longo e ermo. Fácil sepultura para abrir na areia frouxa, nas águas mansas do Beberibe, ou nas ondas cruzadas do Atlântico, a mão amestrada a ocultar as vítimas do punhal que tio grande.

Um dia apareceu um estudante morto junto da Cruz do Patrão. As suspeitas da justiça cairam sobre certo soldado de uma das fortalezas vizinhas do lugar do delito. Nas velhas tomas do iniciado repararam-se indícios que à justiça pareciam ser de sangue, mas que ele alijou de ferrugem.

Inlgou-se escusado, pela evidência do fato, o exame da ciência para completo esclareci-

mento da verdade, e o infeliz, condenado a galés, foi cumprir na ilha de Fernando o seu degredo perpétuo. Passados alguns anos, um enfermo contou ser ele, e não o soldado, o autor do homicídio. Ordens foram expedidas para que voltasse a meter-se de posse de sua liberdade aquele que fora injustamente privado dela. Estas ordens não tiveram resultados, porque durante o longo sono da justiça da terra, havia entregado a alma ao Criador a vítima inocente.

Anos depois foi espiãrdada o junto da Cruz do Patrão outro soldado, por haver erguido a arma contra seu superior. Se bem me recordo, foi esta a última execução capital que testemunhou Pernambuco.

Era presidente dessa província Honório Hermeto Carneiro Leão, nomeado tempos depois Marquês do Paraná. Por esses fatos de próxima data e por outros semelhantes de data remota, a Cruz do Patrão foi até certo tempo fonte de superstições populares. Antes de se haver feito a nova estrada que por S. Amaro põe a Recife em comunicação com Olinda, ninguém se atrevia a passar desacompanhado, de noite, pelo istmo. Os matutos que tinham de vir desta ou voltar daquela cidade aguardavam, para o fazer, a maré-seca, que lhes permitia beirar o rio em certos pontos por entre mangues, deixando a alguns passos a cruz fatídica. Os canoeiros tinham a cuidado de navegar por dentro, afim de escapar a sua vista.

Porem, o que mais particularizou a Cruz do Patrão foram tradições de espíritos infernais, bruxarias e outras quejandias.

Dizia-se que os feitiçeiros iam celebrar ali os seus sortilégios em noite de São João, que eles escolhiam para iniciar nos asquerosos mistérios os neófitos. Aparecia o diabo e fazia coisas de arrepiar o cabelo. Foi por uma dessas ocasiões que teve existência a presente lenda. Estava celebrando a sua sessão anual o congresso dos negros feitiçeiros do Recife. Cada um deles tinha na mão um cacho de flores de arruda. O povo dizia que em noites de São João esta planta dá flores, as quais são logo arrebatadas pelos feitiçeiros para as suas bruxarias.

A meia noite começou a choveria dos mandingueiros.

Tripudiavam estes à roda da Cruz, rezando orações de tenebrosa virtude. O rei das trevas não se fez esperar por muito tempo. Tinha a forma de um animal desconhecido. Era preto como carvão. Os olhos accessos despediam chispas azues. Brásas vivas caíam-lhe da boca encarnada e amecadora. Pela garganta se lhe viam as entranhas, onde o fogo fervia. A vista horripilante a todos meteu horror.

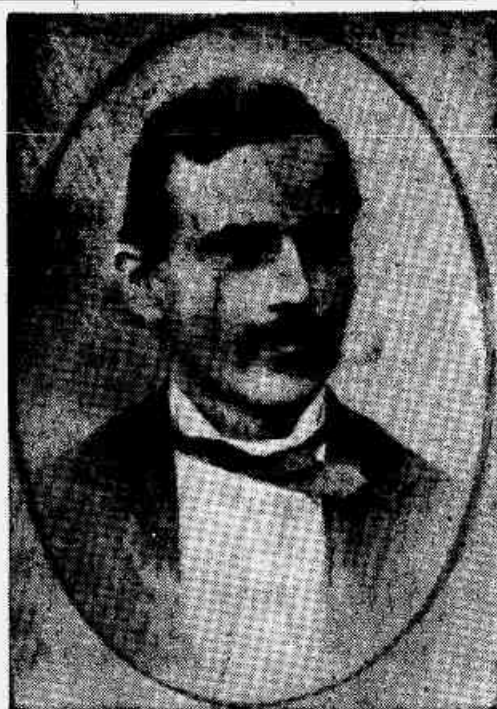
Entre os que tinham ido tomar "mandinga", achava-se uma negra. Foi a primeira vez que passou pelas duras provas.

O animal inferno atirou-se a ela por entre uma chuva de faíscas abrasadoras; ela, porém, deixou a correr pelo istmo a fora, como se tivesse perdido a razão. Quando pensava que havia escapado à provação cruel, tomou-lhe a dianteira o animal, cada vez mais amecador e terrível. Levada pelo desespero pelo que via e sentia em derredor de si, a negra correu ao mar para atirar-se nas águas gemedoras. O mar mostrava-se mais melonho que o demônio solto e as suas vozes puseram no coração dela mais pavor, do que as dos feitiçeiros, que tripudiavam à roda da Cruz, em sua infernal choréia. Retrocedeu mais horrorizada que antes. Tendo dado de rosto com o inimigo pela vigésima vez, correu ao rio que volvia as águas tão de mansa que parecia adormecido.

Meteu-se por elas a dentro, para escapar à terrível perseguição.

Enganado pela vista dos mangues, o demônio atirou-se após a fugitiva, julgando entrar em uma floresta. Assim, porém, que o seu corpo igno se pôs em contacto com as águas frias, silbota explosão destruiu a furiosa alimaria. O estampido ribombou como descarga elétrica. Nuvem de fumo espesso, que trespassou a enxofre, cobriu a face do Beberibe.

No outro dia, na baixa-mar, apareceu no lugar onde a negra se tinha afundado, não o seu corpo, mas a coroa-preta que



UM RETRATO DE FRANKLIN TAVORA

indicoz das por diante aos feitiçeiros a vingança do espírito das trevas.

Há bem poucos anos via-se ainda, na altura da Cruz do Patrão, quando a maré deixava de fora o formoso arquipélago que a natureza situou no leito do Beberibe, a Coroa-preta, assim conhecida entre os canoeiros pela cor dos detritos que ali se haviam acumulado, que contrastava, por sua nudez, como as ilhas circunstantes.

Nestas a natureza sorria com gentil e variável amenidade; naquela dominava a aridez e o deserto. Nenhum mangue fora beher em seu seio maldito o humus que as florestas de mangues sugam nos seus haledões das ilhas de continuo refrigeradas pelas águas lustras do Beberibe. As ilhas, vestidas de víçosos e alegres arvoredos, podiam oferecer residências a fadas amigas e bonancosos gênios, a coroa escalvada só poderia servir, pela sua feição tumular e triste, de morada a algum peregrino espírito precursor de tempestades e de enchentes destruidoras.

Dizia o povo, que, quando tivesse desaparecido de todo a

Coroa-preta, teria cessado também o encanto da Cruz do Patrão. O que é certo é que hoje não se fala na Coroa nem na Cruz; aquela foi de todo comidada pelas águas do rio, enquanto esta a ninguém mais mete medo, porque já ninguém passa pelo istmo, exceto os soldados que guarnecem as fortalezas.

O Recife e Olinda comunicam-se assiduamente pela estrada de S. Amaro, por onde as locomotivas correm, de espaço a espaço, enchendo a margem direita do Beberibe de fumos e ruído, que indicam o percurso da civilização por aquelas solidões pitorescas.

O istmo há de desaparecer também de todo, como desapareceu a Coroa e cessou o encanto da Cruz.

A proporção que Olinda aumenta ao sul e o Recife ao norte, encurta nas extremidades a língua de areia que ainda as separa. Daqui a algumas dezenas de anos sobre sua face, ora rasa e nua, ter-se-á levantado, entre as águas azues do oceano e as águas claras do rio, um quarteirão de casas gentis, de quase meia légua de comprimento.

longa margem do rio estremita, como uma onda sonora no mistério; os terremotos devem produzir o som cavernoso que sou naquele instante do chão tridentemente percuto. Quer não zombasse o que era, julgava que um calucismo, resolvendo as entranhas da terra, a abrir covas profundas, queles tumbrosas que imediatamente se aluminariam, deixando passar fogo e lavas abrasadoras. O tiro tinha sido dado por Andorinha contra Lourenço; o vulto subterrâneo não fora produzido sem a corrida da boiada que arrancara da beira do rio, espantada pela detonação do tiro.

Foi então tudo confusão e borborinho. O fato de arrancar uma boiada é vulgar para os que conhecem a vida sertaneja; mas sempre infunde pavor,

ainda nas que melhor sabem esta fruição daquela vida.

Quando uma boiada arranco, uma boiada de duzentas a trezentas cabeças, pouco depois de ter deixado o pasto usual, isto é, quando está em quase todo vigor, e não tem ainda perdido, pelo cansaço, parte das forças ganhas na vida livre do sertão, não fica incólume e ileso o que encontra à sua frente. O chão arrasa-se, porque as montes desaparecem e os arbustos acamam-se torcidos ou quebrados sob os seus pés. Os espíritos ficam fúrios. Onde não havia nem uma trilha, nem um caminho, mostram-se depois estradas novas, que o homem aproveita algumas vezes. A longa cortina de cipós pendentes das folhagens das grandes árvores, estrangalhadas, despedaçadas, ou deslocadas

das alturas donde as suas flores namoravam o sol e o azul eterno, e vem alcatifar conchas e revólvidos o chão, em furadas ao meio, oscilam dali em relatórios que resistiram a incoação das centenas de cabeças bicornas que, através desses floridos cortinados com que a natureza decora os tetos e as abóbodas dos sombrios poços da espessura, abriam improvisa passagem, no desespero do pânico bruto. Tudo leva ao rojo a mole ambulante, na disparada. A tempestade muitas vezes não produz tantos estragos, não muda tão prontamente os aspectos da solidão.

(Lourenço; Edição do "Jornal do Brasil", págs. 78-79). Como se vê, são páginas de comunicativa emoção pelo desenhado fiel do que impressiona o estilista.

Estas e outras, novamente o digo, deveriam figurar em antologias para o estudo dos alunos de ginásios.

A nossa Antologia Nacional é excelente. Noto nela, porém, uma lacuna. Fora mister trouxesse como apêndice a cada capítulo um Vocabulário dos termos obsoletos, arcaísmos, facilitando assim pela abundância sinonímia, a compreensão do texto aos alunos, ainda nos verdes anos.

"Cela zu sans dire"...

E termino nesta emoção de uma grande saudade, de uma grande reverência a homenagem que presto ao autor dos meus dias.

Fiel aos seus ideais, imortalizou em seus escritos a meiga figura da pátria, cantando-a

em seus versos, colaborando no seu progresso intelectual e moral naquele arrocho estético ante a natureza e as seres amovíveis, — projeção em suma do encantamento que o possuía ao contemplar a pena em riste, este Brasil amado, o "anjo das suas esperanças e das suas tristezas".

(1) — Era proprietário de um jornal e Sr. José de Vasconcelos, seu particular amigo.

(2) — Silveira Romero e João Ribeiro. História da Literatura Brasileira.

(3) — Fausto Barreto e Carlos de Lacerda — "Antologia Nacional".

(4) — Ch. Lahr B. J. Curso de Filosofia. — "Estética"; página 254.

(5) — Silveira Romero e João Ribeiro — "História da Literatura Brasileira".

(6) — Nota-se em Rui Barbosa um cunho muito filosófico, aquele que da sua aristocrática mental. Não contava a descrição de Euclydes Távora e apenas o conteúdo platônico.

Correspondência de escritores:

Carta de Franklin Távora a José Veríssimo

Caro Sr. José Veríssimo,

Recebi a sua carta de 12 de novembro de 1931, e fiquei muito satisfeito com a sua opinião sobre o meu livro. Agradeço-lhe a sua crítica e a sua sugestão de que eu publicasse o livro em duas partes. Como o livro é muito longo, acho que esta sugestão é muito boa. Vou publicar o livro em duas partes, a primeira com o título "O Norte" e a segunda com o título "O Sul".

Com os melhores cumprimentos,

Franklin Távora

Caro Sr. José Veríssimo,

Recebi a sua carta de 12 de novembro de 1931, e fiquei muito satisfeito com a sua opinião sobre o meu livro. Agradeço-lhe a sua crítica e a sua sugestão de que eu publicasse o livro em duas partes. Como o livro é muito longo, acho que esta sugestão é muito boa. Vou publicar o livro em duas partes, a primeira com o título "O Norte" e a segunda com o título "O Sul".

Com os melhores cumprimentos,

Franklin Távora

Recebi a sua carta de 12 de novembro de 1931, e fiquei muito satisfeito com a sua opinião sobre o meu livro. Agradeço-lhe a sua crítica e a sua sugestão de que eu publicasse o livro em duas partes. Como o livro é muito longo, acho que esta sugestão é muito boa. Vou publicar o livro em duas partes, a primeira com o título "O Norte" e a segunda com o título "O Sul".

Com os melhores cumprimentos,

Franklin Távora

Recebi a sua carta de 12 de novembro de 1931, e fiquei muito satisfeito com a sua opinião sobre o meu livro. Agradeço-lhe a sua crítica e a sua sugestão de que eu publicasse o livro em duas partes. Como o livro é muito longo, acho que esta sugestão é muito boa. Vou publicar o livro em duas partes, a primeira com o título "O Norte" e a segunda com o título "O Sul".

Com os melhores cumprimentos,

Franklin Távora

ções que mais fielmente representam o meio nacional.

Conjeturo, por isso, que o meu livro suscitará aqui grande polémica e que sobre mim especialmente cairão os maiores golpes.

Plenamente convencido dessa divisão natural, e tendo por mim a ciência moderna que assinala um papel importante ao meio físico, às origens históricas, e a outros grandes fatores, sustentarei com a energia de que sou capaz a literatura do norte. Convem notar, que por esta palavra quero significar, não que existe uma literatura nortista formada, próspera, florescente; isto seria paradoxal; mas que existe uma tendência, uma feição vasta, que não é o simples matiz provinciano; que existem espécimens inspirados nesta feição; que o estímulo entre letras do norte e do sul é o único meio de aproveitarem os escritores do sul, as riquezas que deixam pelos produtos estrangeiros, e de formar-se no país, um rico patrimônio de produções originais.

Estará o colega de acordo com estas idéas?

Se estiver e quizer auxiliar-me com as suas luzes, que aproveitarei naquele livro, muito empenhará a minha gratidão.

Res nostra agitur.

Disponha sempre do col.^a af.^a e adm.^a — Franklin Távora,

OPINIÕES SOBRE FRANKLIN TÁVORA

OPINIAO DE LÓCIA MIGUEL PEREIRA

Considerado como escritor regionalista, ele tem, força e reconhecer, o mérito de haver no "O Cabelo", estudado uma das figuras mais célebres desse banditismo nordestino que é um aspecto característico da região; cento e muitos anos depois do Cabelo, o Lampião reproduziu-lhe as façanhas; o meio permitiu a existência do segundo como facilitador, a do primeiro.

Mas, se evocou uma figura típica, se narrou episódios verdadeiros, o autor diminuiu o valor do seu depoimento fazendo as personagens falar numa língua polida que nunca conheceram, que lhes tira o cunho da realidade. Só nas trovas populares que recolheu sobre o célebre malfeitor é que se sente a verdadeira personalidade do Cabelo, e a sua importância como representante de um estado rudimentar de cultura.

(Revista do Brasil).

Rio, 1.º de nov. de 1931. depois de terminada a publicação na Revista, já deve ter chegado a seu destino.

Por esta ocasião remeto a v. s.º um exemplar do meu livro — Um casamento no arrabalde, 4.º livro da História do Norte. O 3.º, o intitulado — O Norte — no Lourenço que iniciarei logo qual examinarei especial-

mente a tendência literária diferente da do sul, que apresentam várias produções nortistas inspiradas nos costumes, paixões, natureza física, etc. de várias províncias do Norte.

Esta divisão, que não é filha do meu arbitrio ou da

valdade, mas de observação e exame que se me afiguram verdadeiros, não agrada, por motivos que são óbvios, aos escritores do sul, em geral imitadores de literaturas estrangeiras, e por isso mesmo os fracos desde que se trata de apurar as contribui-

ALGUMAS PAGINAS DE FRANKLIN TÁVORA

A CANA DE AÇÚCAR

Parece que se prepara grande guerra à cana de açúcar no norte. Para lavar a efeito este pensamento — o da destruição da planta abençoada, servem-se do de cultivar com largueza o café no interior das províncias onde até a presente se cultivou largamente a cana.

Não me leve a mal uma declaração que farei aqui, locuente à projetada revolução agrícola.

Entristeço-me, meu amigo, a qualquer indício de que a cultura da cana se trate de substituir cultura de planta diferente, seja muito embora esta da estatura e importância do café, ao qual desde pequeno me acostumei a votar grandes atenções. A razão é porque a cana de açúcar me inspira íntima e saudável paixão, que não sei explicar, mas que tem em mim a extensão e a amplitude de uma elevada e pura estima. A meus olhos, ela não é uma planta, é um ente mágico e pitoresco. Vejo nela poesia e grandeza que irresistivelmente me levam a tributar-lhe culto do coração. Causam-me profundas alegrias seus bastos ajuntamentos, seus partidos vibrantes, acamados, com suas folhas, ora encurvadadas, ora destendidas ao sopro dos ventos traidos ou brinçados. Essas folhas são como harpas gigantescas, melancólicas, terníssimas, que as vibrações fazem vi-

brar docemente e que despedem harmonias célias.

A vista da moagem produz em mim grates alterações, e traz-me saudades da infância, recordações e vênereis dos tempos felizes em que, levando a vida entre a vila e os engenhos, entre a casa paterna e os painéis que a natureza expõe gratuitamente aos que para ela tem os seus principais afetos e a sua primeira admiração, meu espírito adejava, como os sanhaiss e os bentevis, por sobre as folhagens, mergulhando alternativamente já em luzes, já em sombras, mas sempre enleado e passado de inocente contentamento.

Para o homem do norte o engenho de açúcar é o representante de memórias e gloriosas tradições. Especialmente o pernambucano nasce vendo com amigos olhos aquelas grandes propriedades que são como os seus castelos feudais. O engenho é o solar do norte. A nobreza do país principiou por ele; não conhece outro solar. Ele figura nas maiores páginas da história daquela parte do vasto império. Sua importância é lendária, histórica e santa.

E querem agora que a cana de açúcar se substitua o café! Pronuncem a extinção do gigante elemento que produziu e perpetua fortunas respeitáveis naquela grande região!

OS MATUTOS

Os matutos podem dividir-se em diferentes espécies, mas as mais comuns são as dos "lavadores" e "almocreves". Os primeiros são os que dispõem de alguns meios, a saber, escravos, cavalos, terras, os quais sem darem para ter um engenho ou, ao menos, para movê-lo, por aí vão habitando o que os possui a cultivar a cana nas terras do engenho alheio, posto que sujeito a dividir com o respectivo proprietário o açúcar apurado em cada safra. Os últimos são os que se alugam com sua pessoa e seu cavalo para a condução de cargas, por ajustado frete. Os lavadores são matutos limpos, que entram muitas vezes nos negócios íntimos do grande proprietário, merecem a estima dele, e pesam com seus conselhos na decisão dos interesses comuns. Aos almocreves já não sucede o mesmo. Paga-lhes o senhor do engenho o salário, e eles retiram-se a seus casebres onde vão comer, com a mulher e com a ninhada de filhos que ordinariamente centam, o escasso pão que lhes deram o cavalo magro e o trabalho puxado e cansado.

E pois o cavalo é, para assim dizermos, a primeira riqueza do almocreve, visto que por ele é que vem a sua sustentação e a de sua família; ter um cavalo é a primeira aspiração do pobre no matuto. O almocreve não vota mais afeto à sua mulher do que a seu animal. Por ele, dá muitas vezes a vida. Para reaver, se lho furtam, vai ao fim do mundo e mata o ladrão.

Quando o almocreve, firmando-se pelos dois primeiros dedos do pé, sempre descalço, sobre a raiz da curva da perna do seu cavalo, ganha de um pulo a cangaalha, se ele está descalçado, ou a anca se o animal tem carga, considera-se mais feliz e garboso do que um general de mil batalhas. A seus olhos aquela altura que o homem de pé atinge com a mão, lhe parece superior a todo poder humano. Daí não teme o agente da autoridade pública, nem o golpe ou o tiro mortal que lhe desfechem. Reputa-se inacessível a todos os males da terra. Entre suas pernas, querendo-o ele, o cavalo é uma locomotiva que se perde na imensidade dos caminhos ou dos desamparados; é a fiação elétrica que corre terra a terra e desaparece, rompendo, fechando e abtendo folhagens na massa densa e sombria das selvas. O touro afasta-se, a onça, recua, para o deixar passar livremente na vertiginosa carreira.

De ordinário, porém, a marcha do animal do almocreve não sai do rojão de todo dia. Tendo sempre presente na lembrança o muito que lhe custou ganhar o seu precioso bem, poupa-lhe as forças quanto pode, e só em caso extraordinário exige dele a corrida afanosa, os saltos súbitos, o galope, o canetivo esquisito.

Do número dos almocreves saem os "cariadores" e os "repentistas", que, não obstante as privações ordinárias de sua vida quase errante, têm dias de consolação e repouso.

Pelas festas do ano ajuntam-se na casa dos camaradas para cantar, dançar e beber.

A esses saraus campestres, conhecidos por "sambas", não faltam as moças mais desenhadas das vizinhanças, — fadas da roça, que com suas chinelas de marroquim, seus vestidos de chita ou de cassa de flores, nos lábios, que estão a verter sangue e frescura, o riso vergonhoso e a promessa duvidosa, os cabelos enlaidados de jasmim, mangleirões e malmequeres, dão alma a pastorais episódios, a curiosos melodramas e muitas vezes a tragédias medonhas e fatais. Algumas delas

PREFÁCIO DO "LOURENÇO"

Palavras que escrevi, nos 3 de julho do ano corrente, na folha exterior do original donde fora copiado o "Lourenço" para a "Revista Brasileira".

Esta crônica, pronta há mais de dois anos para seguir em volume o "Matuto", cujo é conclusão lógica e natural, acabou de sair a lume na "Revista Brasileira", a que dedico afetos de natureza paternal.

Mudando-se o plano da publicação, tive por necessário adaptar o trabalho aos leitores da "Revista", que eu não podia presumir fossem absolutamente os mesmos do "Matuto". Fiz por isso muitas alterações neste manuscrito. Aumentei informações e minúcias, reproduzi idéias inúteis no primeiro caso, indispensáveis no segundo. Quem ler agora o "Matuto" e o "Lourenço" notará algumas repetições. É certo, porém, que, na leitura, pode ser este desacompanhado daquele. Pelo que respeita às repetições, passaram as vistas por cima delas o leitor benévolo, sem enxergar matéria para corpo de delito contra o autor, atenta os motivos explicados.

Cumpra advertir que, conquanto cada uma das duas narrações tenha ação própria, conquanto cada uma delas possa subsistir sem a outra, para melhor conhecimento da guerra dos mascates em que ambas se inspiraram, a leitura do "Matuto" sem a do "Lourenço", e vice-versa, não é bastante.

Esforçai-me por dar, quer no primeiro quer no último, uma idéja tão completa quanto possível, dessa guerra, ainda pouco estudada, não obstante a sua originalidade, por si só no caso de convidar a sério exame e meditação o historiador depois do economista e do político. Pouca ou nenhuma importância se lhe tem dado entre nós; é certo contudo que, sem a guerra dos mascates, a qual deixou um vazio profundo entre brasileiros e portugueses, não teríamos a revolução de 1817, radiante alva de que fora aquela guerra o pálido crepúsculo precursor do dia da independência em 1822.

Antes da emancipação das colônias americanas (1776), antes da conjuração mineira (1789), reunida a nobreza com o Senado da Câmara de Olinda, 1710, tratou de dar à capitania de Pernambuco outra forma de governo, independente de Portugal: foi a guerra dos mascates o primeiro grito do novo mundo contra as metrópoles européias. Não imitou Pernambuco a França nem os Estados Unidos. Pensou e obrou por si muito antes de nesses países se pensar em independência e república.

O ajuntamento discutiu a idéja sugerida por vários nobres de se estabelecer em Olinda uma república aristocrática modelada pela de Veneza; e se esta idéja, considerada por todos de alta magnitude, e recebida por muitos com medo, não prevaleceu, porque foram votos vencedores os dos "moderados", que como meio de conciliar os ânimos discordes, propuseram fosse eleito para governador o bispo alheio às lutas partidárias, e a quem aliás cabia o governo, na falta do governador fugitivo, por via de sucesso, conforme dispunha a carta régia prevenindo as vacâncias, nem por isso se deve desconhecer a prioridade de Pernambuco em cogitar na independência.

A debassa, instalada depois da chegada do governador Feliz José Machado, ocasionou homicídios, prisões, sequestros, que somente tiveram termo em 1714. A capitania ficou arruinada, muitas famílias na miséria; muitas fortunas desapareceram: foram quatro longos anos de calamidades, de lágrimas e luto. Se não houve execuções capitais, não foi por falta de bons desejos ao governador e aos ministros, mas por não poderem agir neste ponto com aquelas autoridades sanguinárias os ouvidores da Paraíba e das Alagoas; houve, porém, mortes e não poucas, por ocasião dos levantes, nos assaltos e batidas; houve assassinatos pelas estradas e até nos refúgios onde os nobres tinham buscado por em segurança a sua vida.

Com todo o fundamento dever-se-ia reviver esta guerra como uma das mais prejudiciais a Pernambuco, se ela não fora a semente donde pulou a planta da nossa independência política.

F. T.

Franklin Távora, poeta CAMÕES E PORTUGAL

Não foi, Camões, não foi Lísia madrastra;
Não desprezou teu estro surpreendente;
Como tu, Lísia aflita e padecente
Sofria o jugo de uma grei nefasta.

De Lísia o coração, esse palpito
Co'o teu na guerra, e estremece ufano
Aos vãos do teu gênio soberano;
Foi, Camões, teu algoz o jesuíta.

O frade, o inquisição, o intolerância,
Trevas nas mentes, duro fanatismo,
Que sujeitam a torpe despotismo
O próprio rei — abismo de ignorância;

Estes, sim, estes foram teus algozes;
Estes, e a inveja de enfezados emulos
De vingança sedentos, de ira trémulos
Te deram a curtir móguas atrozes.

Compelem-te a deixar o ninho amado;
De perto ou longe, sem perder de vista
Os passos teus, não tem para o soldado
Prêmio melhor que p'ra o divino artista

Ah! não foi Lísia, não, não foi ingrata,
Lísia teus versos lê, e os compreende;
Ela estima o seu voto, ela o exalta,
E dá-lhe esmola quando a mão lhe estende.

E que mais dar então Lísia podia,
Avassalada a desposos cruéis?
Fraca, quando morreste ela morria...
Caiu, ajoelhando-se a teus pés.

Mas depois renasceu. Ânimo novo
Enche-lhe o peito, e na viril requesta
Da liberdade, triunfou o pavo;
E o culto a que tens jus logo te presta.

Não foi, Camões, não foi Lísia madrastra;
Se então não pôde coroar o filho,
Hoje lhe rende uma homenagem vasta,
Qu'inda reis não tiveram, tal seu brilho,

mais desgarradas trazem os selos mal cobertos por vistosos cabeções de que pendem, não sem acertadas combinações e fantasias, bicos e rendas bem feitas e elegantes.

Tais festas leem o seu lado bom e providencial, — fazem esquecer as máguas passadas e as privações presentes. O primeiro e o mais proveitoso resultado delas é o seguinte: diminuem a estatística dos crimes graves e infamantes.

Pobres matutos!

Quantas vezes, ao ver-vos descalços, mal vestidos e mal passados, não sentia apertar-se-me o coração com pena de vós?! Esta pena redobrava sempre que, passando pela frente dos vossos casebres, eu descobria aí por mobília um banco tosco, uma calça grosseira, um pote de água suspenso entre os braços de uma forquilha enterrada no canto da sifonia, e por leito de dormida para vós e vossos filhinhos uma esteira ou um girau de varas?

Então eu compreendia a ra-

zão por que, em nossos encontros nos caminhos, ereis vós os primeiros que tiráveis o vosso chapéu e me salváveis com mostras de profunda humildade, sem saberdes a quem eu era. E' que vós tínheis sempre presente no entendimento a consciência da vossa pobreza e consequentemente vossa fraqueza. Esta consciência, esta agulhina íntima, que nunca se embota, vos dava uma falsa idéja de superioridade de minha parte sobre vós. Pobres criaturas sois vós, o matuto, mais dignos de compaixão e amparo do que do riso mordaz de que vos fazem alvo os que na ignorância, na simplicidade e na miséria alheia acham assunto para desenfado e divertimento próprio! Pobres sois vós, sobretudo: porque recebedes de vossos pais por herança esta lamentável condição, porque não podéis deixar em dote a vossos filhos condição de herente desta!

("O Matuto").

A VIDA É DE CABEÇA BAIXA - Alvaro Moreyra

POESIA

O velho Renan, que não gostava de afirmar, afirmou: "O que dizemos de nós é sempre poesia". Eu queria que fosse. A realidade devia ficar na rua, espando, esbultando. Ela é numerosa, acompanhada. A poesia é uma solidão. A solidão com imagens.

OLAVO BILAC

Em 1916, o Conselho Municipal de Porto Alegre me convidou para ir receber Olavo Bilac. Foi. Ele chegou lá no dia 1 de outubro. Aqui está o que então lhe disse, em nome da capital gaúcha:

— Desde que estas palavras foram acordando dentro de mim, ainda isoladas, bem adivinhei que hoje eu teria um dos instantes harmoniosos do meu destino. São raros os instantes assim, quando a felicidade nos toca, quase fisicamente e a vida interior, do longe do seu mistério, consente em vir nos nossos lábios e falar. O silêncio em que ela labora, apenas revelado, às vezes, num sonho ou num pensamento, num verso ou num sorriso; a sombra que a veste e que é o segredo dos instintos desconhecidos que carregamos, — frangalhos de uma remota divindade, — com a vida interior chegam e, ao mesmo tempo, o silêncio se faz ritmo e a sombra toda se ilumina. A serenidade oculta desvenda-se em prazer. E é este prazer que nos irmana à existência universal, identificando-nos à matéria e ao espírito de tudo o que em torno de nós se extasia e vibra. Com ele, Poeta, quero contar-te da comoção da minha cidade, agora. Certo, os teus olhos não estão, que tem parado em tantas paisagens do mundo, daquelas paisagens guardadoras de lendas e lembranças, onde as árvores, o chão e as águas são velhas criaturas que viram deuses, que serviram de morada às ninfas e, mais tarde, às fadas, e deram alento e mataram a fome e a sede dos heróis. — certo, os teus olhos encontraram aqui uma praça nova, uma graça ingénua de adolescência, nas colinas, no rio, e até no céu, o lindo céu da minha cidade. Nasceste junto de montanhas, à beira do mar e da floresta. O cenário da tua infância, dourado de uma claridade mais acesa, ficou sendo para ti, naturalmente, o cenário da tua terra. Mas tu amas o Brasil de um amor muito maior do que este, e no teu amor todas as paisagens do Brasil, por mais estranhas que te apareçam, são paisagens da tua pátria. E tal é a diferença entre a nossa terra e a nossa pátria. A nossa terra é a nossa história, o passado de cada um, com as reminiscências tristes e as reminiscências joviais. A nossa terra é a nossa intimidade, — uma casa, uns enterros, um caminho, um jardim, — um por de sol que nunca mais voltou... uma oração, uma canção... tudo isso, isso tudo e quanto mais! — as saudades do tempo que, depois, chamamos de Bom tempo, de Aquele tempo... A nossa terra morre conosco, um dia. É um sentimento. A pátria é eterna, porque é também uma ideia. Está no homem e além do homem. Nem todos sabem que a possuem. Muitos desdenham dela. E, aí de nós, os brasileiros não tinha a verdade dos aspectos naturais! A culpa, não a tinha a variedade dos aspectos naturais, dos climas, das populações. Não a tinha a distância que

separa os Estados. Tinha-a, talvez, a nossa juventude... Nós nos envergávamos da pátria que nos transformaram, da fama que nos grangearam. A inteligência e a distinção, dir-se-iam exiladas do Brasil. Para que lutar? Um pavoroso desapontamento nos tornara céticos, antes da idade... E para fugir ao desespero, os delicados procuraram o amparo da Indulgência. E' uma fidalga secular a Indulgência. Envelheceu a sorrir... No halo dos cabelos brancos, a sua fisionomia mostra uma tranquilidade que é benção, e é perdão, e é esquecimento... Entretanto, tu, que nos iniciaras no Ideal, tu te argueste, de súbito, magnífico, — mestre do Entusiasmo! — e proclamaste a nossa pátria. Todas as coisas profundas dos cantos, — acertou Carlyle. E este foi o teu canto!

"Façamos nós a ressurreição da glória do Brasil! Não a podemos fazer em poucos dias, nem em poucos lastrais, por um prodígio de taumaturgia social. Mas, inevitavelmente a faremos se, inspirados pela nossa crença e pelo nosso patriotismo, lavarmos a alma do Brasil como os agricultores lavam o seu campo: com o tempo e a paciência, com a vontade e a arte, dando toda a força do braço e a alegria do coração a todos os longos e sublimos trabalhos que o solo exige — o derrote e o amanho, a aradura e o alqueive, a sementeira e a repa, antes do dia nobre em que, coroando e abençoando o sacrifício, surja o esplendor da seara".

Quedáramos ao jeito de cegos, a cabeça levantada para o céu, sem nada ver. Tu nos trouxeste a luz. E só um poeta conseguia o que conseguiste, "Entre os homens incompletos". — é uma frase de Emerson — "o poeta é o homem completo, e não nos informa unicamente da sua própria riqueza, mas da riqueza comum". A nossa riqueza brilhou, descoberta pelo teu canto de esperança. E a gente moça respondeu com um clamor de prontidão. Queremos o Brasil a ler para lhe ensinar a meditação e o respeito. Pouco a pouco, a cultura, estendendo-se, a domar impulsos, a banir agitações, a tecer ideias, confraternizará os brasileiros. Há de terminar o nefasto menosprezo a nomes que são o nosso consolo e o nosso orgulho. Os que se entregam à ciência e os que se entregam à arte não devem andar à mercê dos julgamentos pueris: — são sagrados. Quer instruir militarmente o Brasil, armá-lo, no almejo de que obtenha, com a sua força — a paz, a calma para a labuta, o sossego para criar, se engrandecer, e então, de mãos postas, adorar a vida. O fim da vida é a Bondade. Não a bondade cotidiana, fragmentada, descontínua, mas a Bondade amor, sabedoria, beleza, que nos educa na compreensão e na admiração, e que não muda, e que não nos abandona. Um malentendido doloroso tem desviado os nossos passos desses fim. Com as preconceitos que nos desorientam, com as contradições que nos perturbam, caminhamos ao acaso e não somos felizes. Quantas vezes, uma aspiração que não chegamos a decifrar, nos detém, um longo momento, à espera de algum milagre. E' diante de uma estátua, ou de uma flor; é ouvindo música; é numa praia ou numa serra; é, repentinamente, na balbúrbia de uma rua. As migalhas de perfeição dos ancestrais, reunidas, vão despertar na nossa alma... O momento passa... E lá continuamos, vencidos e desertos... Foi

em seguida a um desses momentos que, há muitos anos, escreveste:

S O'

Este, que um deus cruel arremessou à vida, marcando-o com o sinal da sua maldição, este desabrochou como a erva má, nascido apenas para ave pés ser calcado no chão.

De motejo em motejo arrasta a alma ferida... Sem constância no amor, dentro do coração sente, crespa, crescer a selva reitorcida dos pensamentos maus, filhos da solidão.

Longos dias sem sol noites de eterno luto! Alma cega, perdida à toa no caminho! Roto casco de nau, desprezado no mar!

E, árvore, acabará sem nunca dar um fruto... E, homem, há de morrer como viveu: sozinho! sem ar! sem luz! sem Deus! sem fé! sem pálo! sem lar!

Não! que o milagre em ti já se realizou! Contigo está a Bondade! Pela Bondade restará na pátria como um gênio protetor. E o Brasil, no termo dos séculos à imitação do santo do "Gitanjali", que insistia o tempo perdido, há de repetir que o tempo nunca foi perdido e, sentindo o teu carinho sempre presente, e evocando os dias de ócio, há de rezar-te com igual ternura:

— Sumido no âmago das coisas, tu faíste brotar as sementes, desabrochar os botões e abriram-se as flores em frutos. Eu estava cansado e sonolento no meu leito preguiçoso, imaginando que todo trabalho cessara. E de manhã, quando me levantei, aí o jardim cheio de flores maravilhosas.

ISSO ACONTECEU EM PORTUGAL

Os médicos tinham recomendado a Olavo Bilac: — Nem uma gota mais de álcool. A sua vida depende de você abandonar toda e qualquer bebida que não seja água.

Durou 7 anos a abstinência.

Mas ele foi a Lisboa. Em Lisboa lhe ofereceram um banquete. Antes do banquete, apareceu, em homenagem especialíssima, um vinho do Porto, de 1830. Recusar? Não ficava bem. E depois, para um poeta romântico apesar de tudo, aquela data — 1830 — era irresistível:

— Peguei no cálice. Sorvi um gole. Ia dizer alguma coisa, quando, do fundo de mim, lá do fundo bem fundo, subiu uma voz, — uma voz de ternura, uma voz de êxtase, uma voz que murmurava: — Obrigado, Bilac... obrigado...

RONALD DE CARVALHO

Com pequenas exceções, no Brasil só se presta homenagem aos escritores quando os escritores morrem ou vão-se embora. Desconfio que é pelo prazer que a gente tem de se ver livre deles. Ronald de Carvalho sempre foi excepcional na vida. A homenagem que lhe prestaram, às vésperas do embarque dele para a Europa, em 1931, foi mais uma para juntar às muitas que, de corpo presente e espírito alerta, recebeu no Brasil. E isso apesar do nome que lhe botaram de "futurista". Entre nós (Continua na página 48)

O "INTERMEZZO" - de H. Heine

8

JOÃO RIBEIRO.

Pairam no céu as pálidas estrelas,
Falam, séculos há... Que dizem elas?

Ninguém sabe essa língua extraordinária
Feita de céu e luz.

Sábio nenhum língua tão rica e vária
Interpreta ou traduz.

Sei-a eu, que a aprendi na vã tortura
De olvidá-la jamais.
Pois me servi do livro de leitura
De teus olhos fatais.

9

FONTOURA XAVIER

Sei de um lugar entre os lugares santos,
Onde do Ganges a caudal estua,
Para levar-te na asa de meus cantos.

Ali, na atmosfera embalsamada,
Entre perfumes, ao clarão da lua,
Lotus em flor aguarda-nos, amada.

Hão de as rosas, ao verem-te, mais belas
Entreolhar-se; e frases perfumadas
Trocarão entre si lírios e estrelas,
E hão de olhar-te as gazelas assombradas.

E à sombra amiga que a palmeira encanta,
Onde do Ganges a caudal estua,
Sonharemos de amor, em terra santa,
Entre perfumes, ao clarão da lua.

10

GONÇALVES CRESPO

A luz viva do claro sol radioso
O loto inclina a fronte esmaecida,
E espera a noite, pensativo e ansioso.

Rompe a lua e derrama a luz querida
Na corola mimosa
Da pobre flor que se abre enlanguescida,
Pobre flor amorosa!

Olhando o céu e a luz até parece
Que, em desmaios de amor,
Treme, palpita, cora e desfalece
A cismadora e enamorada flor.

11

VALENTIM MAGALHAES

Nas águas do Reno santo
De Colônia à catedral,
Da nevoa envolta no manto,
Banha a sombra colossal.

No zimbório há uma figura,
Pintada em couro dourado,
Que à minha vida a amargura
Tem, de há muito, mitigado.

E' Maria. Anjos e flores
Flutuam, leves, no ar,
Entre vívidos fugares
Sua fronte a coroar.

Os olhos, a tez de rosa,
A rubra boca arqueada
Lembram-me a boca mimosa
E os olhos da minha amada.

12

PEDRO RABELO

Tu não me adoras mais... Não me adoras...
[Contudo]

Isso o que a mim me dói não é.
Possa eu sempre viver dos teus olhos ao pé,
E um ar de príncipe terei.

Hás de me odiar, talvez... já me odeias...
[Teu mudo,

Teu doce lábio róseo o diz...
Mas estende ao meu beijo os teus lábios
[gentia,
E consolado ficarei.

A musa inefável de Roberto Correia - Carlos Chiacchio

A lógica da saudade em forma de comentário aos mortos queridos baseia-se na ilusão do fazer-los, sem mais resuscitar, que seria milagre divino do verbo, pois mesmo, prolongar o absurdo de que eles ainda vivem, ainda se movem nos nossos olhos, ainda escutam ao clamor inútil das nossas palavras.

Todas as homenagens fúnebres, dos mais remotos aos mais próximos tempos, em todos os grupos humanos, realizadas em face da rigidez estatutária do corpo sem alma, têm essa origem na crença de que a solene música das lágrimas possui deveras o dom de reanimar um coração amigo que não palpita mais.

Nas chegadas, às vezes, ao cúmulo convencional de fazer discursos aos mortos.

Nas líes dizemos comovidos adeuses.

Nas líes amortalhamos de flores.

Nas líes revestimos de bengalas.

E, ao deixarmos afinal os nossos cartões de despedida, as nossas oferendas debruçadas à porta do abismo, que nos trará, a um tempo, as sombras companheiras e os votos impossíveis de arranca-las dentro as portas da morte, reconhecemos, apenas, que aos vivos e que iam, na continuidade da dor, que só a nós nos cabe compartilhar, qual a qual a sua morte, nesse tristíssimo quilhê de vidas todas em que se desfazem as vidas no turbilhão da Vida.

Então, já líes não travamos, por interrompido, o ritmo exterior da forma, senão através do resplendor da anárgica, senão por essa lógica fragmentária da saudade que nos recupera os mortos na memória a recorrer de imagem em imagem, como esses espelhos que a máscara do cadáver não empalha, mas lhe reflete, com certeza, ponto invisível para nós, os derradeiros traços sob o sol.

Não fazemos o papel desses espelhos diante dos mortos.

Agora, um gesto.

Uma atitude, agora.

Depois, uma lembrança.

Logo mais, uma gratidão.

Por fim, quem sabe? a prevenção capritual se afirma pela ação do bem que não morre.

Algo que está ainda a nos continuar o homem.

E a sua obra.

E o seu pensamento.

E a sua grifa de luz encaçada em passos zenitais.

Não vivemos por eles.

Porém, em nós.

Porque, dentro em nós, se imortaliza.

"Quem deixou sobre a terra uma lágrima e um verso".

Tal é o que é, você, todos nós pensamos sobre a morte do poeta Roberto Correia.

I — O HOMEM — Tal a obra, tal o homem. A mesma constituição de bondade. O mesmo substrato de ternura. As vezes, melancolia. Abraça, como repete. Perdão, como castiga. Não se abate com as injustiças, revolta-se. Não se curva às iniquidades.

protesta. De um lado, a ironia que corrige. De outro, a piedade que enleia. A repulsa e o carinho, eis o perfil do homem.

No mais, contemporânea.

Nunca se apressava na exibição dos próprios valores. Fugia sempre aos adjetivos recíprocos. Era o tipo da modestia real. Quando em palestra, desde os trinta e cinco anos em que o conheci, era fértil na anedota. Não a anedota condenada por Sainte-Beuve, mas a anedota recomendada por Plutarco, para definir os temperamentos. Quando discutia, era sério no raciocínio, mas exaltado no conceito. Chegava ao patético, tamanho o ruído de imprevisto, que, a certa altura, lhe caracterizava os repentes. Todos riam alto dos seus remos graves. Porém, ele, continuava sério, olhos luzindo, com o dedão espetado no ar. Era o bom humor desfeito em arrancadas solenes. Quando escrevia, sobretudo versos, era uma comunicabilidade local, de tão simples o metro musical; daí o seu grande prestígio para a alma de toda a gente sensível. Feio. Era a própria simpatia irradiante.

Ha tempo, numa crise literária de pouca monta, falei-me da dívida:

E num instante só chamámo-me as duas vozes.

Dolorosa valgem. Quat a voz verdadeira.

E o Diabo a soltar gargalhadas atrozes...

Breve, porém, se lhe eavai a bruma ao raio consolador da fé, que lhe resolve a hesitação num remate de humor:

Dentro de mim silegem tuas esta ladainhas:

Tortura-me, ai, alma prisioneira,

Entre o Ser e o Não Ser — a Cruz e a Caldeirinha!

"Entre a Cruz e a Caldeirinha", eis a que reduzia a questão suprema de Hamlet. A uma simples oscilação vulgarizada em ditado popular. E que o homem, concentrado em Roberto, era a boa fé e não a dúvida.

A amizade tornava-se-lhe devoção.

O amor, ideal.

A poesia, sustento.

E sonhava e era feliz.

Fazia desse sonho e dessa felicidade, o programa do bem, mais para os outros, do que para si mesmo.

Se Amadís e Galvão, ainda pudessem dialogar,

ao pé da Tavola Redonda, talvez lhes ouvíssemos os últimos rumores deste sonho:

— Então, quando colecionará os seus versos melhores?

— Publica-los-él, logo que decaia. Sou o trabalho, a ação, o cotidiano, a vida...

— Apesar de tudo, ainda faz versos...

— Sim, o espírito anda sempre preso à visão única...

— Mas, os versos...

— Não vale a pena. São palavras ao vento...

E morre. Morre, sem ter reunido, afinal, os seus melhores versos...

II — A OBRA — Quero, porém, lembrar, quanto

ao escritor múltiplo e fecundo, que foi Roberto Correia (contista, didata, poeta) o dever em que nascemos de lhe reunir a produção esparsa, quando mais não seja, a lírica, que é a feição máxima do homem, em livro definitivo, onde se comprovem, selecionadamente, as excelências do peregrino engenho de poeta, que todos lhe reconhecemos e aplaudimos, sem favores nem medidas póstumas.

Para quem tais palavras escrevo, sem outros propósitos senão os da expansão irretravável da poesia, que não excusai os deveres da amizade, será esse de verdadeira ventura esse momento em que se possa mostrar aos olhos do Brasil a existência real na Baía de nomes e obras, que a recomendem no sincero culto dos contemporâneos.

Roberto Correia e a sua lírica estão no caso.

Porque, em última análise, o didata pode ser superado.

O prosador pode ser absorvido.

Mas, o lírico, o poeta essencialmente lírico, se que se entenda por lírico, não somente erudito, mas também popular, nenhum lhe sobrepuja os dons comprovados, nesses últimos trinta anos de evolução literária baiana.

Não é, diga-se, questão de quantidade produtiva, de apresentação material, de outras e quaisquer circunstâncias estranhas ao valor intrínseco das letras.

E, antes, questão da qualidade passional de seu lírico, todo simples, todo espontâneo, todo humano, todo raça, toda tradição, toda brasilidade de motivos, que são os eternos sempre novos das formas hereditárias de um Gonçalves Crespo das "Almofadas", ou de um Antônio Gonzaga das "Lírias" de ouro.

III — INÉDITOS — Senão, vejamos, por este — "Alguém" — soneto, aliás, inédito, o tipo da musa inefável de Roberto Correia:

Nem estrela, nem flor, é só criatura
Dele velho planeta corrompido,
Se acaso lhe jitasse a formosura,
Mas também popular, nenhum lhe sobrepuja os dons comprovados, nesses últimos trinta anos de evolução literária baiana.

A própria Helena houvera entouquecido,
Se acaso lhe jitasse a formosura,
Quem a vê tem a rápida ventura
Da sensação de um bem nunca sentido.

Estrela, serafim, visão... Se o for
Em verdade ninguém a desejava,
Nem mesmo fosse encarnação da aurora.

Sei que por atrações misteriosas,
Folte, beijando o chão que ela pisava,
Senti que o próprio chão cheirava a rosas.

Alma, e nada mais. Era assim o homem. Era assim a obra. São assim os versos. Alma, alma, a obra. E de que precisa a poesia humana senão alma, que é o nexo, a força, o ritmo da vida universal? Salvemos a obra do poeta baiano. E' poesia da terra e da gente do Brasil.

ROBERTO CORREIA E O ATAVISMO DA SÁTIRA NAS LETRAS BAIANAS -- Rafael Barbosa

A velha Baía — e que os "governos progressistas" não lhe nivelem as fileiras num a modernismo de amor... — nunca deixou de sentir no sistema anárquico a hábito de logo dos seus "Bocas da Inferna". Foi a legião em usufruto de Gregório de Matos, cujo espírito de sátira, maldição e deboche, e cujo sentimento lírico, também — urze — pôde de amargura e de sensibilidade — haviam forçosamente de influir para sempre naquele ambiente tão cheio de tradições e de mitos.

Ainda há pouco, precisamente na vigília do último Natal, extinguia-se na Baía uma dessas vozes gemêas (daquele terrível Juvenil do Brasil-Colônia) Roberto Correia. E não é, evidentemente, a última dessas vozes, porque aquele inextinguível herança de sarcasmo e ternura como que ali se transmite de geração a geração através da força atávica do sangue, e outras vezes com o mesmo acento paradoxal, ora mordaz, ora amável, ainda por lá existem e existirão por todos os tempos, quase como um produto espontâneo do meio.

Do lírico simples e comunicativo que havia nesse contraditório Roberto Correia, notável, mesmo, como expressão de alma coletiva, bem como da "contur" sentimental ou humorístico, da prosador fluente e correto, do didata erudito e modesto, fala-nos a palavra lírica de Carlos Chiacchio, sem dúvida o maior animador das letras e das artes baianas, na amovida página dedicada ao

amigo e companheiro morto, página que este "Suplemento" hoje publica e que deixa entrever, nas linhas gerais de enaltecimento, compreensão e saudade, a retórica ou sumário de um amplo ensaio crítico sobre tão curiosa figura do movimento literário do norte nos últimos quarenta anos.

Como edificante documento humano da quanto pode a própria vontade de ascensão, a vida de Roberto Correia não será, porém, menos interessante que o sua obra — obra quase totalmente dispersa e talvez perdida na sua maior parte — e o merecer por isso mesmo o poeta baiano, que aqui lhe fixamos os traços essenciais da biografia, resista embora à sua carreira profissional desde tipógrafo a professor, e isto antes de divulgarmos alguns dos seus "Epigramas", colhidos de preferência num dos dois ou três livros de versos que publicou e a que deu aquele título genérico. Pena é que, por esparsos em jornais e revistas, ou até conservados inéditos, não nos seja possível fazer o mesmo com vários dos seus sonetos e poemas humorísticos, em que chegou a rivalizar com um Azur Azevedo, um Emílio de Menezes, um Bastos Tigre e tantos outros, inclusive — ainda ali se manifestou a hereditariedade da vocação baiana — aquele famoso Muniz Barreto, o "Bocage brasileiro", pela perfeição da boa musa repentina e de quem Roberto Correia também teria herdado a facilidade de improvisação rimada,

glisando mates da vida cotidiana, aspectos, costumes ou "figuras" risíveis.

TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Roberto Correia nasceu, predestinadamente, no distrito de São, o mais tradicional e popular dos bairros da capital baiana, a 10 de maio de 1876, tendo falecido, portanto, com 66 anos incompletos. Pobre, fez os primeiros estudos no antigo Liceu de Artes e Ofícios da Baía, onde aprendeu a arte de tipógrafo, que passou a exercer desde muito jovem, em casas de obras e jornais, entre estes o então "Jornal de Notícias", de propriedade e direção de outro poeta satírico e humorístico de extraordinária popularidade, ao seu tempo, em todo o norte, a Lulú Parola do "Cantando e rindo" ou seja o já hoje venerando jornalista Aloisio de Carvalho. Na Rio, também, Roberto Correia trabalhou, anos depois, no "Jornal da Bahia" e no "Jornal do Comércio", sempre como tipógrafo. Não era, porém, essa a profissão verdadeira de sua vocação. Regressando à Baía, em 1905, matriculou-se no Instituto Normal, onde largou fazer um curso brilhante à custódia de grandes esforços, pois trabalhava para estudar, diplomando-se aluno-mestre em 1908. Integrando-se no ano seguinte, no magistério público estadual, indo ocupar o cargo de professor no arrabal de Bom Jesus de Vila Rica, no município de

Itapicuru, de onde pouco depois se renovou para a cidade de Mourão. Após pequena estadia nessa localidade, retorna à capital, sendo nomeado para a magistratura primária e indo desempenhar a cargo de adjunto de uma das escolas do bairro, ali então semi-anárquico da Baía. Anos volvidos, passou a catedrático de uma das escolas do distrito da 56, local em que nasceu e a que sempre amou e distinguiu, com ternura e pitoresco, nas referências dos seus cantos regionais. Chegou a delegado escolar da Municipalidade da capital, até que, advocado a ensino pelo governo do Estado, ficou em disponibilidade, lecionando durante esse período no Corpo de Bombeiros e outras instituições. Em 1937, aposentou-se. Contava, então, 35 anos de serviço, tendo sempre exercido a profissão com escrupulosa exemplar e extraordinária dedicação. Aposentado, no entanto, Roberto Correia não se entregou ao descanso, continuando a ensinar em vários colégios e ginásios particulares, inclusive o Instituto Baiano de Ensino, em que, desde a sua fundação, em 1919, era um dos principais mestres de português, matéria em que foi um douto, e onde compareceu, com a assiduidade que a caracterizava, até às vésperas do falecimento. Naquela educandária, ainda nos primeiros dias de dezembro p. fin.

mais pode sair de casa, vindo a morrer no dia 24 daquele mês.

O SATÍRICO

Nas linhas acima os traços biográficos de Roberto Correia, mortos, como acentuamos, à sua carreira profissional, completados-se, sob esse aspecto, a breve análise crítica de Carlos Chiacchio, a que já nos referimos. Resta-nos apenas complementar, dentro do possível, o outro ramo da sua multimorada produção literária, ou seja a sátira rimada, que ele deixou, como dissemos, um só livro — "Epigramas", de 1928 — apesar de possuir matéria para numerosos outros volumes de mesmo teor. De maldição sem maldicção ou crueldade, à maneira da sátira galante do Augusto Gil do "Canto a cigarras", tão predominantemente lírico e afetivo que a sátira desce descendente espiritual e suave de Gregório de Matos, era mais de ironia piedosa do que de rebeldia maldicente, como se poderia ver da seguinte série de neidilhões de sua autoria a dos quais resultou por vezes um extrair-se um sentido universal e alarismo, sem os freios desse regionalismo satírico que geralmente mediocritas comentários, rimbombos ou "galimatias" incorrigíveis de pequenos mundos provincianos.

De muitos "doutores" sei,
Que fundamente acastamos,
Aos quais, se dizem — "chegam"
Retruca a morte — "chegam"!

O GUIA DO CEGO



UM MENINO LOURO E BELO,
OLHOS AZUES, CORPO MAGRO,
GUIA O CEGO PELAS RUAS.

MANHÃ DE LUZ E ALEGRIA!
GRANDE É A CIRCULAÇÃO DOS HOMENS!
E O CEGO, O POBRE CEGO CAMINHA.

ELE É MENOS INFELIZ,
MENOS TRISTE DO QUE SE PENSA.
COMO É BELA A VOZ DO GUIA:
O CEGO NÃO VE MAS OUVE,
ESTA VOZ É SEU CONSOLTO.
NINGUEM OUVE COMO O CEGO.
ELE OUVE O PASSARO, AS NUVENS!
E, MAIS QUE TUDO, OUVE O GUIA.

1041

MURILO MENDES

Bem, o cegueira da sorte
e viu-te e ao sol, espelhos.
Mas miras, o mesmo port
e os meus olhos.

Os artistas consagrados
não escutam nunca às afonias
das canções mal-aporadas
das metades das obras prontas...

É "doutor", mas a vaidade
é tanta, que até
outra vez se vê o método
do que ele pensa que é...

Se um mangos compridos,
segundo as normas da igreja,
mas os pernis, mal vestidos,
que tiver olhos que se veja...

Atulha! — Mas tem cuidado,
porque, às vezes, Sabujão,

repugna ao próprio adúlado
a excessiva adulação.

Se espichas (vê-se-se franco!)
os teus cabelos, é João,
tu pretendes ser branco,
ao menos em comissão...

Político e sempre grávido,
De mim a quase senil,
Do Brasil tem tudo!
Nada tem dado ao Brasil

Muita gente sem cochilo
De jornalista se doura,
Tendo um frasquinho de cola,
Um oratório e uma tesoura...

Em caso do que, suando,
A culpa consegue o póo,
Há sempre uma ave cantando,
Um cochoro e um violão...

A's vezes a voz do fuma

Tem um quê de voz divina:
Dá forças de intensa chama
A' luz de uma lamparina...

Carroeiro, desalmado,
— Diz o burro — vê que tu és
Meu irmão! mas, olejado,
Que nasceste com dois pés!

No Brasil, é da gramática,
Das discussões na farruca,
Entrar — no meio — a gramática,
No fim o descompertur!

Nesse vestido apertado,
Teu corpo, essa perfeição,
Das discussões na farruca,
Pecador de profissão...

Por serem longas e rudas
as vias que levam à Cruz,
todo dia nascem Judas,
mas não vem outro Jesus.

Fórmulas de Filosofia Médica
(Ubi vita, ibi spes)

Clementino Fraga
(da Academia Brasileira)

No trato com os doentes sempre sereno e atencioso, ora reprimindo com severidade, ora consolando-o com doçura e cortesia. Já Hipócrates censurava a ostentação e teatralidade, companheiros do charlatanismo. Souzques cita de Hipócrates a passagem seguinte: "há médicos que fazem reputação de habilidade por processos que lhes deviam atestar a ignorância".

— * —
"Ser útil, ou pelo menos, não ser nocivo", disse Hipócrates. O juramento de Hipócrates, atualizado em alguns pontos, principalmente no que respeita ao segredo médico, basta para afirmar a sensibilidade moral da profissão.

— * —
No escritor médico recresce a obrigação de censurar a bibliografia consultada, dela aproveitando o que lhe parecer digno de apreço e sugestão aos que aprendem.

— * —
Bem observar. E só ao cabo de relativa pausa de reflexão, exprimir o conceito diagnóstico e as previsões do desfecho da doença. A primeira impressão prevalece às vezes; mais vezes ela culmina na decepção.

— * —
Os fatores do êxito profissional, segundo Jaures, Herrick, são: caráter, capacidade de trabalho, conhecimentos científicos, habilidade para aplicá-los no diagnóstico e tratamento das doenças. Caráter quer dizer integridade, sinceridade, afabilidade, apreço da natureza humana; tenacidade nos bons propósitos.

— * —
O médico a todos se deve com igual paciência e espírito de misericórdia. O doente, mesmo que tenha sido sempre um intemperante e imprudente, a seus olhos não deve ser nunca um culpado.

— * —
Como assinalou Ravaut, a propósito da sífilis nervosa, toda doença tem duas fases — uma biológica, outra clínica, ou seja uma funcional outra de localização anatômica. A medicina atual esforça-se por atingir a doença nos seus primórdios, quando a terapêutica pode atuar com segurança de êxito. São os fenômenos funcionais que abrem a cena morbida.

— * —
A socialização da medicina cria a irresponsabilidade individual. Entre médico e cliente há um pacto tácito, cabendo ao doente maior tributo no contrato moral, uma vez que sua livre escolha eleger o profissional.

— * —
Só a confiança pode aproximar o doente do médico; a medicina de estado, impondo o médico a determinados clientes, facilita o burocratismo médico, só tolerável nos serviços médicos sociais. A socialização da medicina é a deformação da medicina.

— * —
Os maiores inimigos do médico são e negligência, a ignorância, a imprudência e o orgulho.

— * —
A armadura técnica da medicina moderna, a par dos benefícios à semiologia e à terapêutica, armou, poderosamente, o charlatanismo diplomado de meios ineditos, por isto mesmo de influência milagrosa sobre a sãnta ingenuidade pública.

— * —
O "moderner scientifique docteur", como chama Cushing ao herói mecânico dos centros de diagnóstico e empórios de aplicações terapêuticas, faz proezas nas grandes cidades cosmopolitas, de onde mobiliza a ofensiva, rumo dos núcleos de população menos densa.

— * —
Como em Paris onde todos os

farmacêuticos são de 1.ª classe, no Brasil todos os médicos e veterinários são professores ou cientistas, praticados e refeitos no clima ameno, da imprensa extra-profissional.

— * —
A volúpia da especialização precoce, dividindo e subdividindo as atividades médicas, está a exigir para o clínico "o diploma de especialista em medicina geral", como disse, sugestivamente, o professor Emile Sergent, da Universidade de Paris.

— * —
A medicina atual suprimiu o médico. O tipo do profissional humanitário, feito de severidade e doçura, educado na visão panorâmica da medicina geral, é hoje figura lendária nos domínios da profissão.

— * —
A idade avançada vai menos com o magistério que com o exercício da clínica. É certo que a experiência serve às duas atividades, mas ao professor de clínica serve menos sem o entusiasmo, o gosto da erudição e a solicitude da memória. Os velhos clínicos, versados e conversados nos textos novos, são, em regra, os mais sagazes na ciência do diagnóstico.

— * —
Sydenham, inquirido por um jovem médico qual o melhor livro prático de medicina, respondeu de bom humor: "Jela, o D. Quixote. Ainda o releio de quando em quando". Para educar o tipo clínico, Miguel Couto aconselhava a seus discípulos a leitura de Sherlock Holmes.

— * —
O tumulto moderno nos domínios das ciências, das artes, das letras e dos fatores econômicos e sociais, alcançou também a medicina. A primeira vítima profissional da violência em todos os sentidos foi o médico de família. Seu complexo de inferioridade derivou da superioridade da medicina moderna, armada nos laboratórios e centros de diagnóstico.

— * —
O papel social do médico releva na luta contra a moléstia, inspirando os poderes públicos, as organizações privadas de assistência social, as atividades tutelares da educação.

— * —
O médico mediocre é perigoso porque atua sem a visão das dificuldades em cada caso concreto.

— * —
Não se deve confundir ensino médico e pesquisa. Esta demanda o rumo do fato novo; aquela aplica os conhecimentos adquiridos. A investigação clínica, que Tomas Lewis chama medicina progressiva, deve ser exercida com espírito científico nos institutos clínicos aparelhados de todos os meios de verificação e de análise.

— * —
Na vida, dizia Disraeli, nem explicar nem lamentar-se. Em medicina a explicação é quase sempre difícil e a lamentação é impertinente.

— * —
Com razão diz o professor Clerc, que devemos ser confiantes e modestos em relação à ciência, porque as razões que proveamos são, em regra, análogas, e muitas vezes não sabemos como discernir entre suas virtudes e perigos.

— * —
A dúvida é boa companheira no caminho da verdade científica; nutre o entusiasmo, faz arder o desejo de conhecer e excita a imaginação.

— * —
O fato biológico é sempre complexo e a teoria é simples para explicá-lo: nada mais efêmero, hesitante e incompleto que o capítulo da patogenia das doenças.

— * —
Dizia Ricardo Jorge, sábio e (Continua na pág. seguinte).

Um poeta inglês na expedição de Cavendish (O primeiro romance sobre a América do Sul) — Joaquim Ribeiro

Nossos historiadores, geralmente apegados às fontes lusas, foram profundamente da opinião de Thomas Cavendish.

Quase sempre andam nos seus a-nos das costas brasileiras e principalmente da tomada e saque de Santos (16 de dezembro de 1599 até fins de janeiro de 1601).

Na verdade, nossos historiadores não desceram a minúcia a esse respeito e ate mesmo o historiador Francisco Martins dos Santos, que escreveu, há poucos annos, a "História de Santos" — obra que extirpa pesquisas especiaes — não vai além do que está nas histórias gerais de nossa terra e parece mesmo mal informado, pois, grã sempre erra no nome do navio inglês. Escreve injustificadamente "Cavendish" (com m).

Para nós o navegador da era elisabeteana não passa de um "rouleur de la mer" e mal sabemos que a esse corsário se devem excellentes observações náuticas e mapas atets.

A verdade, porém, é que, sob o prisma luso-espanhol, ele não passava de pirata indesejável.

E foi, sem dúvida, obedecendo a essa apreciação, que os nossos historiadores não fazem a devida justiça ao navegador inglês.

Assim é que se explica porque a expedição de Thomas Cavendish não tem merecido, por parte dos pesquisadores nacionais, maiores atenções.

Justamente por isso pretendo trazer alguns informes curiosos, que merecem ser divulgados entre nós.

Todos os nossos historiadores, parecem ignorar um fato interessantissimo sobre a mencionada expedição.

Com Thomas Cavendish veio também as nossas plagas um notavel poeta inglês: Thomas Lodge.

Esse poeta que, além de sua celebridade como lirico, teve a honra de inspirar ao immortal Shakespeare, é indistinctivamente uma figura de relevo no seu tempo.

Embora as suas "Memórias", conforme diz o grande historiador britânico Andrew Lang, sejam mais interessantes para o presente que a sua obra litteraria, o certo é que Thomas Lodge teve a gloria de ser o primeiro poeta inglês que visitou o Brasil.

Foi nosso hóspede fugaz, mas foi nosso hóspede.

A sua biographia não é complicada nem obscura.

Nasceu em 1568. Dando propavelmente euação ao seu espirito aventureiro, metex-se na expedição de Cavendish e talvez sobre o mar (supõe A. Lang) escreveu a composiçáo: "Rosalynde: Euphues Golden Legacy", seguindo, como era moda entáo, a corrente litteraria do "eufuismo".

Esta composiçáo hyon-o a Shakespeare, pois, foi nella que o genial dramaturgo buscou o enredo da peça intitulada "As You Like It".

Bastaria esse ato para celebrizá-lo nas fastas litterarias. Mas não é só.

Thomas Lodge, porém, ta li-

gar definitivamente, nessa viagem, através do oceano, o seu nome ao continente americano.

E tal se deu mediante uma fúthpada metamorfose.

De poeta que era, transformase em novelista e escreveu o seu primeiro e único romance curiosamente baptizado "A Margarite of America".

O título já indicava o ambiente exótico.

Não foi, porém, nos tropicos que escreveu essa novela. Segundo relata foi nos arcos da cidade do Estreito de Magalhães.

Somente, na America, Thomas Lodge conseguiu encontrar a prosa de ficção. Somente, aqui, na America do Sul, o romancista. E teve tambem a primazia de escrever o primeiro romance sobre o nosso continente.

Na Inglaterra contentou-se em fazer versos. Parece, entáo, que não se dessem com as letras, pois, por volta de 1599 dedicou-se á medicina e morreu em 1625, mais com fama de medico do que de litterato.

A critica da posteridade, contudo, fez justiça aos seus meritos de lirico, apesar do "eufuismo" e de outras marcas do tempo.

Haverá em alguma contadão desse poeta e novelista inglês reminiscência de nossos romancistas, de nossas praias, de nossas paisagens?

E uma pesquisa á fazer-se e talvez ainda volte á examina-la.

Quis apenas divulgar a presença desse homem de letras na expedição de Thomas Cavendish, que pelo menos teve o merito de trazer aos mares do Brasil o primeiro poeta britânico que visitou a America do Sul e o primeiro romancista sobre o nosso continente.

Creto que esses dois factos mereçam Thomas Lodge da immutabilidade dos nossos homens de letras.

O inspirador de Shakespeare, por certo, pliou as aretas de Santos e se não enveredou pelos cabedais do "hinterland", sentiu, ao menos, o esplendor das nossas manhãs e a bella luminosa de nossas noites estreladas.

FÓRMULAS DE FILOSOFIA MÉDICA

(Continuação da pag. anterior)

letrado, humanista e medico, que "há elegância medica no porte intelectual, no porte moral e até no porte plastico".

O medico de familia foi sempre o "irmão mais velho" em cada lar, onde sua solicitude, dedicação e solidariedade cordial aureolavam a pratica de seu ministério.

Só a natureza cura, realmente. A medicina pode ajudar, esperando-a e dirigindo-a como pode cortar-lhe o passo no caminho da reintegração á saúde. Tudo depende do medico: muito vale o coeficiente pessoal na pratica da arte.

Devemos sentir, de alma e coração, o voto religioso de praticar uma e só medicina — A MEDICINA HUMANA.

SEMPRONIO.

FRANKLIN TÁVORA, CRÍTICO

(Continuação da página 43)

mente da vida. Ilenciosa, que escurta toda a sorte de abominações e turpitudes, poder-se-ia ler a puberdade o que se o vacuo alimenta e guarda? Por outro: podiam eles ter o que não tinham por evidência da sua própria sociedade? G. Dias, de todos os historiadores de índios o que mais os favorece, o consilia a sua rudicia e fragilidade, diz (e é sabido) que "as mulheres em solturas se prostituam facilmente". "Falo-nos ele — e verdade — de um chamado pudor: mas em que consistia este? Eis o que refere o Phisico escritor: "O seu pudor (falando das mulheres) revelava-se na honestidade dos gestos e maneiras, e no mais consistia em não mostrarem nunca sinais de... que, ou não tinham pelo frequente uso de banhos etc."

Não se vê que aqui, o pudor, associado com cores tão vagas e indefinidas, parece antes generosa concessão do poeta?

Mas observa o sr. Alencar na sua carta final: "O estudo da lingua indigena é o melhor criterio para a nacionalidade da litteratura. Ele nos dá não só o verdadeiro estilo, como as imagens poéticas dos selvagens, os modos do seu pensamento, as tendências do seu espirito, até as menores particularidades da sua vida."

Entre parêntesis: esta ideia não é do sr. Alencar, bem que ele lhe há já dado tamanha latitude. Humboldt, que o sr. Alencar não quis citar, sem dúvida por não conhecer autoridade acima de si nem mesmo Humboldt, (que louvára) disse: "Creto que se fossem bem estudados os idiomas dos selvagens, achar-se-iam nelles riqueza e gradações mais delicadas, do que se devesse esperar do estado inculto dos que falavam." D'Orbigny abunda na mesma opinião, que é comum a muitos outros historiadores. Caderiam aqui outras ordens de considerações sobre alguns pontos mais da carta do sr. Alencar, que todavia não reservamos para produzir quando airmos desta difficuldade, mas ensinam-

no-lo a razão e o bom senso. Voltamos para aqueles, que fazem estudado as raças selvagens no meio delias; e os seus estudos nos serviram de guia ou de farol neste oceano de dúvidas e incertezas. Monatt, nas suas Recherches et aventures chez les insulaires des Andaman", diz que estes selvagens são "destituídos de todo sentimento de pudor, e muitos de seus hábitos assemelham-se aos do bruto."

"O capitão Cook em sua "Voyage au Pole Sud", diz que os habitantes do Taiti são absolutamente corredores de toda a ideia de decência." "Sem dúvida — acrescenta Lubbock, que cita Cook — isto propinha em parte de serem as suas habitações abertas, e não divididas em compartimentos separados" (como eram os dos nossos índios) Gabriel Soares no seu Roteiro diz: Como os pais e as mães veem os filhos com meados para conhecer mulher, eles lha buscam, e os ensinam como a saberão servir: as fêmeas muito meninas, esperam o macho, etc. "Neste sentido haveria innumeras citações a fazer, cada qual mais autorizada, onde pôs a ideia de pudor? e, se a não havia nem num nem noutro sexo, como existiria o termo, sendo depois do trato com os europeus?"

O sr. Alencar disse que o pejo accendia vinhos rubores na Iracema. Como? Rubores? Não se encontra nesses mesmos espiritos dicionários termo que signifique — corar. — No Vocabulário acha-se o verbo punçar com esta accepção, mas é erro. — curar. Tanto é erro, que no Glossário nem os termos pocanonga e pocanga, o primeiro exprimindo — curar, e o segundo — medicina. Spitz e Mortius asseguram que os nossos índios "não sabiam a que era corar, e que somente depois de longas relações com os europeus foi que a cor se tornou entre elles o indicio de uma commoção da alma". (Relat. in Brasilien, vol. I, pag. 378).

No dicionário da lingua tupi-aurat, encontra-se o vocabulário curar, mopyranyapó — (fazer vermelho). Mas além de se

presumir importado como se demonstrar, accresce que não era essa lingua a que se falava entre os índios do Ceará.

Devo declarar, meu amigo, que, se deixo a tais minúcias, que se tratamos especialmente da referida carta, por assim o aconselhar melhor distribuição da análise.

Abro o Glossário e encontro com effeito o vocabulo pouco, trazendo a seguinte significação: respeitar com algum pejo: e este outro — pocucaba, naturalmente derivado do primeiro com a significação de — acatamento. A excessão destes dois vocabulos, nenhum outro há, que eu saiba, da lingua geral, exprimindo a ideia do attributo moral.

Mas pergunta-se: pelos simples factos de virem consignados á esses termos, devem ser eles recebidos sem quarentena? Ningum dirá que sim, porque aí também vem vocabulos evidentemente enclausurados na lingua dos selvagens pelo trato destes com os europeus: por ex.: "coacacyranga", religião de sol, "coaticara", escravidão, "imirtarecoara", melrinho, "imirtareco", urutido, e muitos outros. Logo, cumpre fazer a devida digestão.

Primeiramente, a nossa razão indaga se a ideia expressa repugnava, ou se, pelo contrario era compativel com o estado moral da sociedade dos incolos primeiros. Com bons argumentos ninguém dirá que tal ideia o era.

Em segundo lugar, sendo assim, somos inclinados a presumir que os vocabulos foram, como tantos outros introduzidos pelos colonos estrangeiros. Além dos motivos já expendidos fortalece-me a creença de serem esses vocabulos oriundos da necessidade de exprimir ideias adventicias estas duas considerações: 1. o dar o dr. Martins o termo pouco na qualidade de duvidoso ou incerto, perguntando se será português; 2. o vir este termo (somente escrito deste modo — poss) no vocabulário já referido, com as accepções de — respeitar, ter respeito. Ora, respeito não é o

mesmo que pejo: e a ideia de respeito não só não repugna como a outra, se não que é toda conforme com qualquer sociedade bárbara. Quanto a mim, pois, é manifestação preferivel a accepção trazida pelo vocabulário, obra de autor nacional, mas no caso por isso de ter estudado melhor a lingua!

Mas diz o sr. Alencar que "os dicionários são imperfeitos e escurios" (a ideia não é dele, como provaremos oportunamente). Quem nos dará, pois a solução do problema? O sr. Alencar não nos ensina o meio de talvez pareçam exagerado rigor, e que eu de certo não teria senão para o chefe apegado e decantado de uma litteratura, e porque ele diz que os seus selvagens tem "rudez ingénua de pensamento e expressão, que devia ser a linguagem dos indígenas". Esta enganado; não a tem tal, não só no que fica dito, como também no que a seu tempo se dirá.

Lê-se na pag. 31:

"— Teu hóspede ficou, virgem dos olhos negros: ele fica para ver abrir em tuas faces a flor da alegria, e para colher, como a abelha o mel de teus lábios. "Iracema saltou-se dos braços do mancebo, e olhou-a com tristeza Guerreiro branco! Iracema é filha de Papé, e guarda o segredo da jurema. O guerreiro, que possuía a virgem de Tupan morreiria."

"Martim torna a si e responde:

"Os guerreiros do meu sangue trazem a morte consigo, filha dos Tabajaras. Não a temem para si, não a pouparam para o inimigo. Mas nunca fora do combate eles deixaram aberto o camocio da virgem."

Dize-me uma coisa: se tu não sonhasses o que em lingua geral significa — camocio, depois daquele entrêito do dialogo, que ideia ficarias fazendo desse camocio aberto da virgem?

E a pia leitora como não coraria até que verificasse o sentido do vocabulo typico?

Teu leal amigo e respeitoso admirador,

A VIDA É DE CABEÇA BAIXA

(Continuação da página 45)

esse nome não é bom. Numerosas pessoas de numerosos sexos decoraram as quatro sílabas terríveis e nunca mais conseguiram outra ideia. Tudo que não conheçam de vista ou de ouvido, tudo que não surge ou soa como repetição, tudo que é diferente — é "futurista". E sendo "futurista", poesia, musica, teatro, dança, cinema, pintura, escultura, arquitetura, etc., sendo "futurista", ninguém entende. Ninguém entende porque ninguém quer entender. Teimosia...

Entretanto, palavra de honra! nós somos um povo vivo, esperto, como poucos povos são no mundo. Os teimosos é que perturbam a coação que poderíamos alcançar no universo. A cultura, da qual Ronald era a figura mais clara da nossa geração, ainda não exerceu influencia no desenvolvimento social do Brasil. O desenvolvimento aqui é somado e multiplicado. Desenvolvimento de números. Os homens instruídos influem uns nos outros. O povo não toma conhecimento do fato.

UM BOCADINHO DE LOUCURA

Nunca tentei fazer a reconciliação da minha alma com o meu corpo. Discretamente, verifico que os dois não se dão: que ele pensa de um modo e ela sente de outro. Como também ignoro se um ou a não se se separar, deixo que continuem assim, desconfiados, esquivos, diferentes. De quem será a culpa?

O CASTIGO DA INDEPENDÊNCIA

O diabo é um anjo na miséria...